

VOLUME 1
FRAGMENTOS
DA DOCÊNCIA

TEREZA FLAGG

O QUE A ESCOLA NÃO QUER CONTAR

VIOLÊNCIAS
E AFETOS DE
UM PERCURSO
DOCENTE



VOLUME 1
FRAGMENTOS
DA DOCÊNCIA

TEREZA FLAGG

O QUE A ESCOLA NÃO QUER CONTAR

VIOLÊNCIAS
E AFETOS DE
UM PERCURSO
DOCENTE

I São Paulo I 2025 I



DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

F574q

Flagg, Tereza -
O que a escola não quer contar – violências e afetos de
um percurso docente / Tereza Flagg. – São Paulo: Pimenta
Cultural, 2025.

Série Fragmentos da Docência. Volume 1

Livro em PDF

ISBN 978-85-7221-405-6

DOI 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-405-6

1. Docência. 2. Professoras. 3. Violência nas escolas.
4. Educação. I. Flagg, Tereza. II. Título.

CDD 371.5

Índice para catálogo sistemático:

I. Educação - Violência

Simone Sales - Bibliotecária - CRB ES-000814/0

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2025 a autora.

Copyright da edição © 2025 Pimenta Cultural.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

É proibida a reprodução parcial ou integral desta obra, por quaisquer meios de difusão, inclusive pela internet, sem a prévia autorização da Editora. Conteúdo de autoria e responsabilidade do autor.

Direção editorial	Patricia Biegging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Biegging
Gerente editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Júlia Marra Torres
Estagiária editorial	Ana Flávia Pivisan Kobata
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Edição eletrônica	Andressa Karina Voltolini
Estagiárias em edição	Stela Tiemi Hashimoto Kanada
Imagens da capa	pikepicture, rubalprince - Freepik.com
Tipografias	Acumin, Belarius Poster
Revisão	Maria Dolores Sanvicente
Autora	Tereza Flagg

PIMENTA CULTURAL
São Paulo - SP
+55 (11) 96766 2200
livro@pimentacultural.com
www.pimentacultural.com



CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

Doutores e Doutoradas

Adilson Cristiano Habowski

Universidade La Salle, Brasil

Adriana Flávia Neu

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Adriana Regina Vettorazzi Schmitt

Instituto Federal de Santa Catarina, Brasil

Aguimario Pimentel Silva

Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Alaim Passos Bispo

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Alaim Souza Neto

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alcidinei Dias Alves

Logos University International, Estados Unidos

Alessandra Knoll

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Regina Müller Germani

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Aline Corso

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Aline Wendpap Nunes de Siqueira

Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Ana Rosângela Colares Lavand

Universidade Estadual do Norte do Paraná, Brasil

André Gobbo

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

André Tanus Cesário de Souza

Faculdade Anhanguera, Brasil

Andressa Antunes

Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Andressa Wiebusch

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Andreza Regina Lopes da Silva

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Angela Maria Farah

Universidade de São Paulo, Brasil

Anísio Batista Pereira

Universidade do Estado do Amapá, Brasil

Antonio Edson Alves da Silva

Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Antonio Henrique Coutelo de Moraes

Universidade Federal de Rondonópolis, Brasil

Arthur Vianna Ferreira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Ary Albuquerque Cavalcanti Junior

Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Asterlindo Bandeira de Oliveira Júnior

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Bárbara Amaral da Silva

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Bernadette Beber

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos

Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Caio Cesar Portella Santos

Instituto Municipal de Ensino Superior de São Manuel, Brasil

Carla Wanessa do Amaral Caffagni

Universidade de São Paulo, Brasil

Carlos Adriano Martins

Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Carlos Jordan Lapa Alves

Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Caroline Chioquetta Lorenset

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Cassia Cordeiro Furtado

Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Cássio Michel dos Santos Camargo

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Cecilia Machado Henriques

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Christiano Martino Otero Avila

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Cláudia Samuel Kessler

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Cristiana Barcelos da Silva

Universidade do Estado de Minas Gerais, Brasil

Cristiane Silva Fontes

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Daniela Susana Segre Guertzenstein

Universidade de São Paulo, Brasil

Daniele Cristine Rodrigues

Universidade de São Paulo, Brasil

Dayse Centurion da Silva

Universidade Anhanguera, Brasil

Dayse Sampaio Lopes Borges

Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Deilson do Carmo Trindade

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Brasil

Diego Pizarro

Instituto Federal de Brasília, Brasil

Dorama de Miranda Carvalho

Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

Edilson de Araújo dos Santos

Universidade de São Paulo, Brasil

Edson da Silva

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil

Edson Vieira da Silva de Camargos

Logos University International, Estados Unidos

Elena Maria Mallmann

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Eleonora das Neves Simões

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Eliane Silva Souza

Universidade do Estado da Bahia, Brasil

Elvira Rodrigues de Santana

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Estevão Schultz Campos

Centro Universitário Adventista de São Paulo, Brasil

Éverly Pegoraro

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Fábio Santos de Andrade

Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Fabrcia Lopes Pinheiro

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Fauston Negreiros

Universidade de Brasília, Brasil

Felipe Henrique Monteiro Oliveira

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Fernando Vieira da Cruz

Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Flávia Fernanda Santos Silva

Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Gabriela Moysés Pereira

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Gabriella Eldereti Machado

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Germano Ehlert Pollnow

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Geuciane Felipe Guerim Fernandes

Universidade Federal do Pará, Brasil

Geymeesson Brito da Silva

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Giovanna Ofretorio de Oliveira Martin Franchi

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Handherson Leylton Costa Damasceno

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Hebert Elias Lobo Sosa

Universidad de Los Andes, Venezuela

Helciclever Barros da Silva Sales

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Brasil

Helena Azevedo Paulo de Almeida

Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Hendy Barbosa Santos

Faculdade de Artes do Paraná, Brasil

Humberto Costa

Universidade Federal do Paraná, Brasil

Igor Alexandre Barcelos Graciano Borges

Universidade de Brasília, Brasil

Inara Antunes Vieira Willerding

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Jaziel Vasconcelos Dorneles

Universidade de Coimbra, Portugal

Jean Carlos Gonçalves

Universidade Federal do Paraná, Brasil

Joao Adalberto Campato Junior

Universidade Brasil, Brasil

Jocimara Rodrigues de Sousa

Universidade de São Paulo, Brasil

Joelson Alves Onofre

Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil

Jónata Ferreira de Moura

Universidade São Francisco, Brasil

Jonathan Machado Domingues

Universidade Federal de São Paulo, Brasil

Jorge Eschriqui Vieira Pinto

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Jorge Luís de Oliveira Pinto Filho

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Juliana de Oliveira Vicentini

Universidade de São Paulo, Brasil

Juliano Milton Kruger

Instituto Federal do Amazonas, Brasil

Julianno Pizzano Ayoub

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Julierme Sebastião Morais Souza

Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Junior César Ferreira de Castro

Universidade de Brasília, Brasil

Katia Bruginski Mulik

Universidade de São Paulo, Brasil

Laionel Vieira da Silva

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Lauro Sérgio Machado Pereira

Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, Brasil

Leonardo Freire Marino

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Leonardo Pinheiro Mozdzenski

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Letícia Cristina Alcântara Rodrigues

Faculdade de Artes do Paraná, Brasil

Lucila Romano Tragtenberg

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Lucimara Rett

Universidade Metodista de São Paulo, Brasil

Luiz Eduardo Neves dos Santos

Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Maikel Pons Giralt

Universidade de Santa Cruz do Sul, Brasil

Manoel Augusto Polastreli Barbosa

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Marcelo Nicomedes dos Reis Silva Filho

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Márcia Alves da Silva

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Marcio Bernardino Sirino

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Marcos Pereira dos Santos

Universidad Internacional Iberoamericana del Mexico, México

Marcos Uzel Pereira da Silva

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Marcus Fernando da Silva Praxedes

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil

Maria Aparecida da Silva Santandel

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Maria Cristina Giorgi

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Brasil

Maria Edith Maroca de Avelar

Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Marina Bezerra da Silva

Instituto Federal do Piauí, Brasil

Marines Rute de Oliveira

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Mauricio José de Souza Neto

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Mauricio José de Souza Neto

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele Marcelo Silva Bortolai

Universidade de São Paulo, Brasil

Mônica Tavares Orsini

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Nara Oliveira Salles

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Neide Araujo Castilho Teno

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Brasil

Neli Maria Mengalli

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Patrícia Biegging

Universidade de São Paulo, Brasil

Patricia Flavia Mota

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Patrícia Helena dos Santos Carneiro

Universidade Federal de Rondônia, Brasil

Rainei Rodrigues Jadejiski

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Raul Inácio Busarello

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Raymundo Carlos Machado Ferreira Filho

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Ricardo Luiz de Bittencourt

Universidade do Extremo Sul Catarinense, Brasil

Roberta Rodrigues Ponciano

Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Robson Teles Gomes

Universidade Católica de Pernambuco, Brasil

Rodiney Marcelo Braga dos Santos

Universidade Federal de Roraima, Brasil

Rodrigo Amancio de Assis

Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Rodrigo Sarruge Molina

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Rogério Rauber

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Rosane de Fatima Antunes Obregon

Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Samuel André Pompeo

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Sebastião Silva Soares

Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Silmar José Spinardi Franchi

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Simone Alves de Carvalho

Universidade de São Paulo, Brasil

Simoni Urnau Bonfiglio

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Stela Maris Vaucher Farias

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Tadeu João Ribeiro Baptista

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Taíza da Silva Gama

Universidade de São Paulo, Brasil

Tania Micheline Miorando

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tarcísio Vanzin

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Tascieli Feltrin

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tatiana da Costa Jansen

Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, Brasil

Tayson Ribeiro Teles

Universidade Federal do Acre, Brasil

Thiago Barbosa Soares

Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Thiago Camargo Iwamoto

Universidade Estadual de Goiás, Brasil

Thiago Medeiros Barros

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Tiago Mendes de Oliveira

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Vanessa de Sales Marruche

Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Vanessa Elisabete Raue Rodrigues
Universidade Estadual do Centro Oeste, Brasil

Vania Ribas Ulbricht
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Vinicius da Silva Freitas
Centro Universitário Vale do Cricaré, Brasil

Wellington Furtado Ramos
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Wellton da Silva de Fatima
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Wenis Vargas de Carvalho
Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil

Yan Masetto Nicolai
Universidade Federal de São Carlos, Brasil

PARECERISTAS E REVISORES(AS) POR PARES

Avaliadores e avaliadoras Ad-Hoc

Alessandra Figueiró Thornton
Universidade Luterana do Brasil, Brasil

Alexandre João Appio
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Artur Pires de Camargos Júnior
Universidade do Vale do Sapucaí, Brasil

Bianka de Abreu Severo
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Carlos Eduardo B. Alves
Universidade Federal do Agreste de Pernambuco, Brasil

Carlos Eduardo Damian Leite
Universidade de São Paulo, Brasil

Catarina Prestes de Carvalho
Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Brasil

Davi Fernandes Costa
Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, Brasil

Denilson Marques dos Santos
Universidade do Estado do Pará, Brasil

Domingos Aparecido dos Reis
Must University, Estados Unidos

Edwins de Moura Ramires
Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, Brasil

Elisiene Borges Leal
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Elizabete de Paula Pacheco
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Elton Simomukay
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Francisco Geová Goveia Silva Júnior
Universidade Potiguar, Brasil

Indiamaris Pereira
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Jacqueline de Castro Rimá
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Jonas Lacchini
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil

Lucimar Romeu Fernandes
Instituto Politécnico de Bragança, Brasil

Marcos de Souza Machado
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele de Oliveira Sampaio
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Nívea Consuêlo Carvalho dos Santos
Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, Brasil

Pedro Augusto Paula do Carmo
Universidade Paulista, Brasil

Rayner do Nascimento Souza
Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, Brasil

Samara Castro da Silva
Universidade de Caxias do Sul, Brasil

Sidney Pereira Da Silva
Stockholm University, Suécia

Suélen Rodrigues de Freitas Costa
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Thais Karina Souza do Nascimento
Instituto de Ciências das Artes, Brasil

Viviane Gil da Silva Oliveira
Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Walmir Fernandes Pereira
Miami University of Science and Technology, Estados Unidos

Weyber Rodrigues de Souza
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil

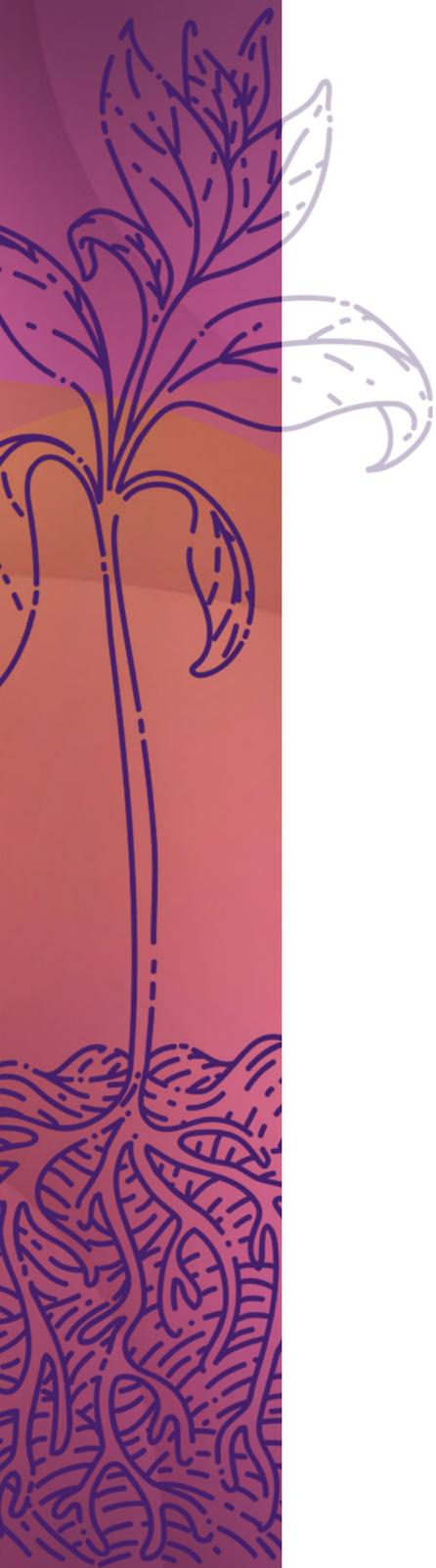
William Roslindo Paranhos
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Parecer e revisão por pares

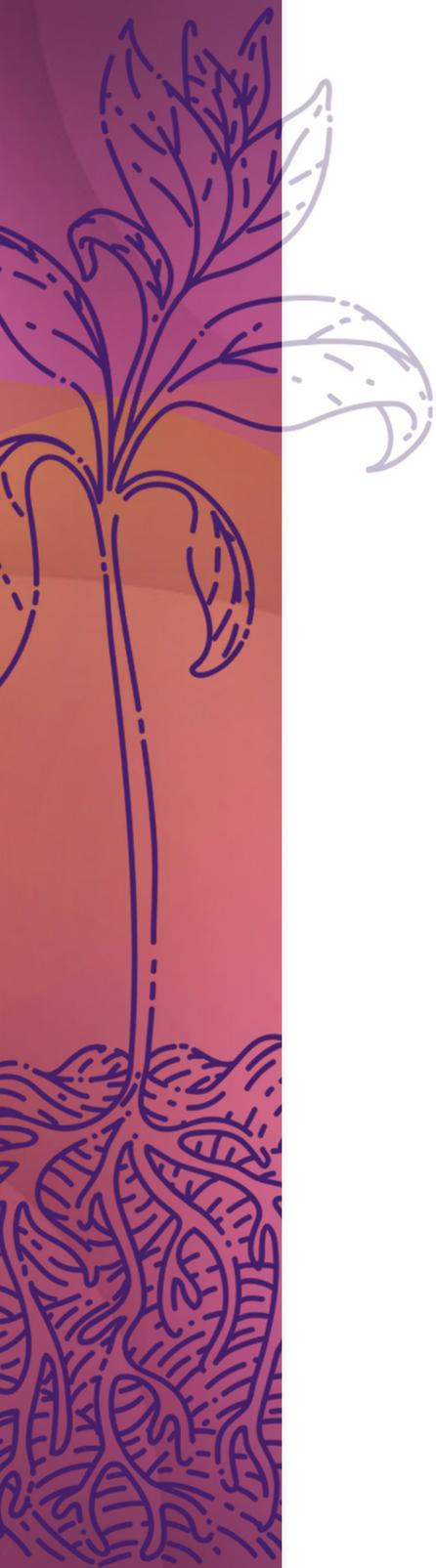
Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação do Conselho Editorial da Pimenta Cultural, bem como revisados por pares, sendo indicados para a publicação.

SUMÁRIO

Ouçá. É um grito	12
<i>Betina Hillesheim</i>	
CAPÍTULO 1	
O homem	15
Recreio	22
CAPÍTULO 2	
Os outros homens	25
CAPÍTULO 3	
Uma mulher	29
CAPÍTULO 4	
Colega	33
Recreio	36
CAPÍTULO 5	
Abacate	38
CAPÍTULO 6	
Apelido	41
Ctap.....	44
Os “apelidados”	49
Ovelha Branca.....	52



CAPÍTULO 7	
Sinais.....	54
CAPÍTULO 8	
O bom currículo	56
O etarismo acadêmico.....	58
CAPÍTULO 9	
A arte da guerra	61
Recreio.....	65
CAPÍTULO 10	
Magistério.....	67
Um bonde para a menina distraída.....	69
“Tia” Eni.....	71
CAPÍTULO 11	
Domingo.....	77
Greve.....	79
Cometa.....	82
Para não esquecer	84
CAPÍTULO 12	
Apito de cachorro.....	86
A queda.....	88



CAPÍTULO 13

Segunda-feira..... 93

Vigiar, “proteger” e punir 95

Afinando o bumbo..... 96

Recreio..... 97

Fim do recreio 98

CAPÍTULO 14

O último período..... 100

CAPÍTULO 15

Casa..... 104

CAPÍTULO 16

Sobrevivi 106

CAPÍTULO 17

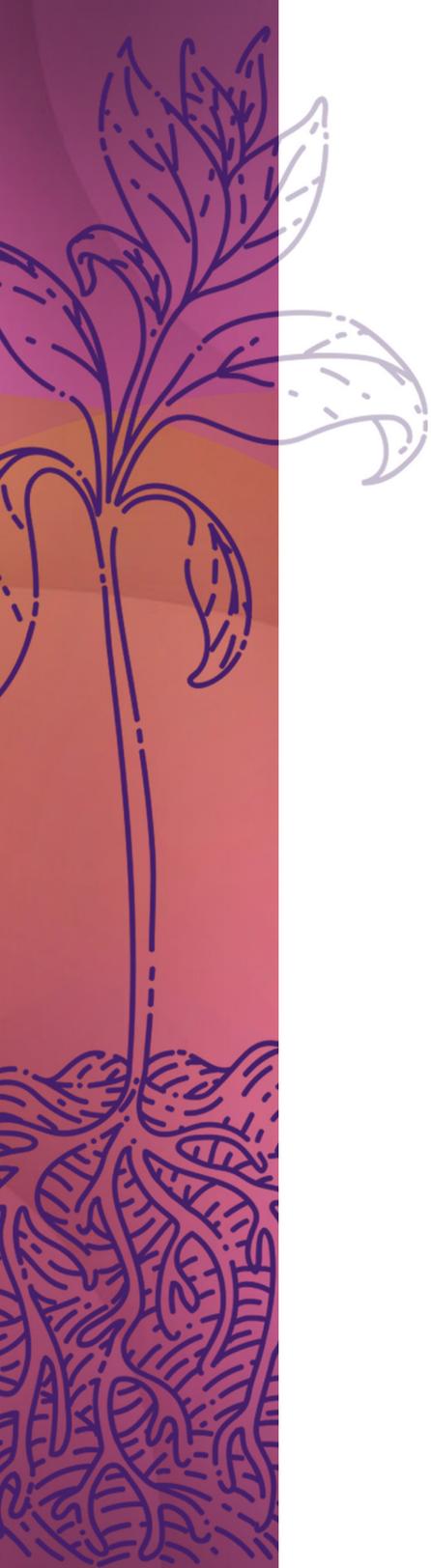
Conselho de Classe 110

Portas Abertas 114

CAPÍTULO 18

Feijão no algodão 117

Sobre a autora 124



OUÇA. É UM GRITO

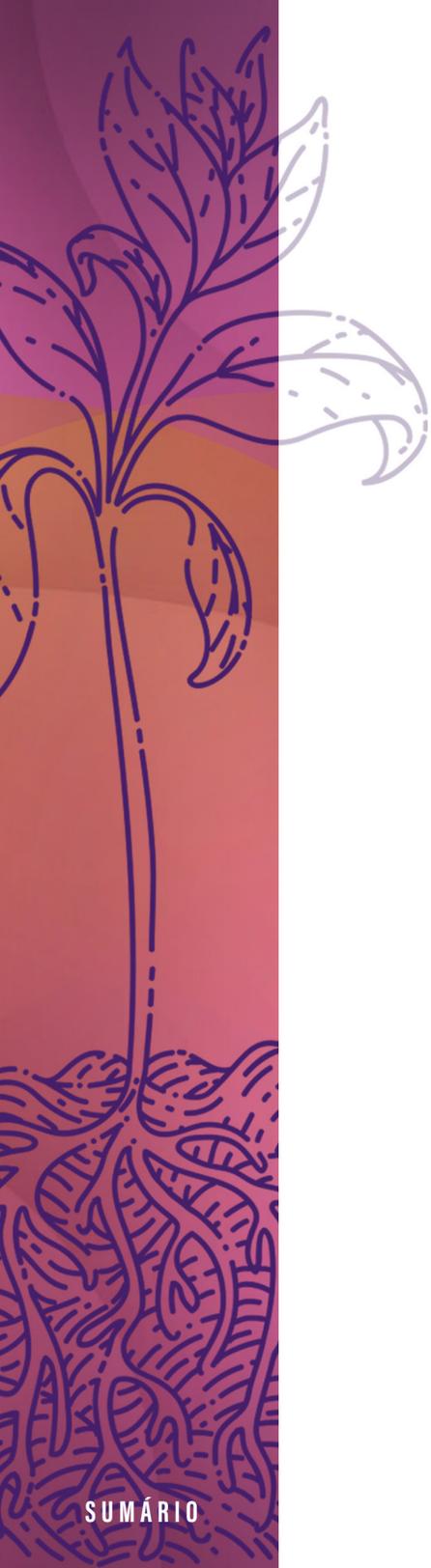
*Para viver, temos de
nos narrar; somos um
produto da nossa imaginação*

(Rosa Montero, escritora espanhola)

Este livro é um grito. Ouça. É a voz de uma professora. Ela grita. Não é um sussurro, uma voz macia que pede licença para existir. Ela grita. Ouça. Somente ouça. O grito atravessa as paredes da escola, ecoa nas salas de aula, paira acima das vozes das crianças e adolescentes que correm pelo pátio ou, silenciosamente, estão vidrados nos seus celulares. É uma professora que grita. Ouça. Ela precisa gritar porque está esgotada e é hora de fazer deste esgotamento outra coisa.

É uma professora. Assim, com artigo indefinido. Poderia ser eu ou você. Talvez seja. Ela grita porque precisa fazer uma denúncia: é uma professora que acredita na escola, na potência dos encontros, nas coisas bonitas que acontecem quando nos dispomos a estar com o outro. Ela acredita no riso, no encantamento das primeiras vezes, nas descobertas da infância. É uma professora que aposta no tempo da escola, naquilo que se tece junto, na beleza da insignificância. Uma professora que coleta pedrinhas, admira as formigas e suas trilhas, contempla as folhas que caem no outono e brotam novamente na primavera.

E ela grita. Uma professora. Ouça. É uma denúncia. Com seu grito, ela quer romper o silêncio daquilo que não era para ser trazido



a público. A violência das relações escolares. Mas não qualquer violência (se é que se pode dizer que existe uma violência *qualquer*): veja, é uma professora. Uma mulher. Não tão jovem. Um alvo bem definido: uma mulher, professora, não tão jovem, possivelmente é mais suscetível à violência. Talvez, ainda mais, uma professora que acredita em tantas coisas, que sonha com outros possíveis, em um mundo cada vez mais desacreditado do sonhar.

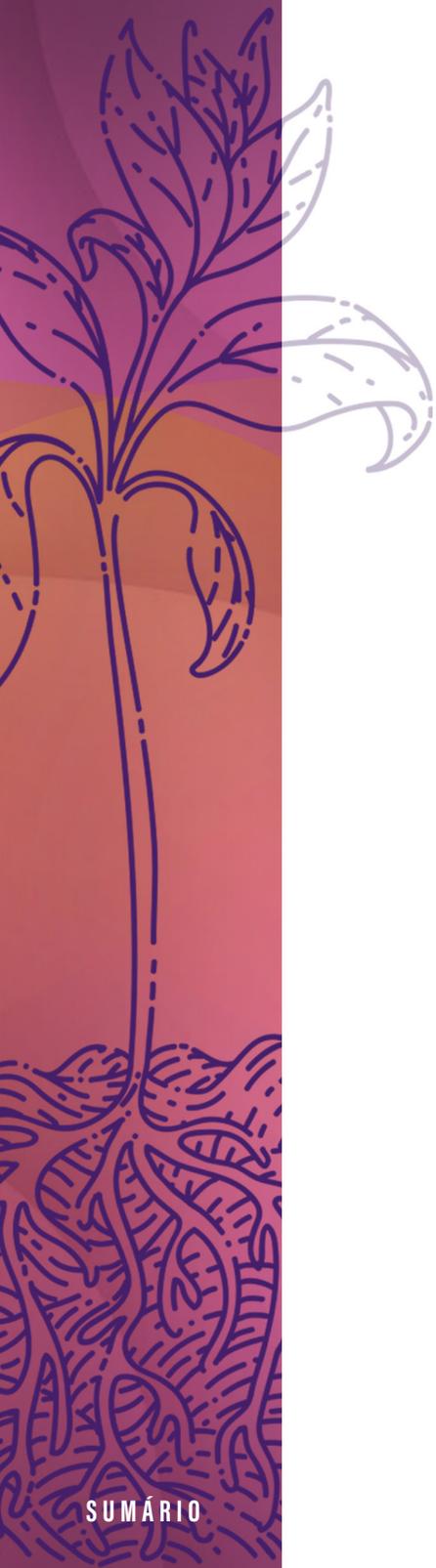
Então, são estes elementos: uma professora que grita e denuncia a violência que perpassou seu corpo de professora quando ela se colocava como alguém que acredita na escola. O grito é inesperado. Das mulheres, se espera o silêncio, a vergonha, que se recolhiam nas suas culpas (sim, porque certamente elas devem ter feito algo errado). Mas esta professora acredita também na palavra como forma de construir outros mundos: mundos que caibam uma professora que sonha e alunas/os/es que sonham com ela.

Quando este grito me alcançou, me vi arrastada pela violência narrada. Talvez porque sabia que não é rara, que não precisaria ter acontecido em algum lugar em particular, mas está aí, à espreita de uma professora sonhadora e atenta. Imagino que este grito tenha sido duramente lapidado, pois é um grito sufocado por meses de silêncio. Mas ele sai, se transforma em palavras e dá sentido à experiência vivida, fazendo ver a violência e, a partir disso, tornando-nos testemunhas.

Depois que escutamos o grito, não é mais somente uma professora. Somos nós. Aquelas/es que acreditam na escola e que buscamos, cotidianamente, deixar-nos afetar pelo que ela pode produzir.

Que depois deste grito, possamos, coletivamente, sussurrar outras palavras na Educação.

Betina Hillesheim



Acho que a rispidez é um punhal rasgando sulcos na ternura, é isso. Mas não se preocupe: de tempos em tempos as traves da ilha se umidificam de novo e então fica muito mais fácil recuperar a prática da acrobacia. Porque toda a gente sabe, em um terreno mole o pé de um bicho não escorrega. Isso é o fim do medo.

(Matilde Campilho, 2015)



1

O HOMEM



O homem levantou-se da cadeira no fundo da sala e começou a gritar. No início fiquei confusa. Mas ele subiu ainda mais o tom da voz, enquanto bradava e apontava o dedo em minha direção. Meu coração disparou e a boca secou. Meu queixo tremia, mordi levemente o lábio para não deixar transparecer o medo que eu sentia. Apesar da distância entre nós encarei firmemente ele nos olhos. A distância me trazia um pouco de segurança.

Fiquei ouvindo atentamente cada palavra: “você é a responsável”, “você destruiu”, “você oprime”, “você quer por regras”, “não ouve ninguém”, “está falando sozinha há 50 minutos”.

O fundo da sala estava bem iluminado, era possível ver em detalhes a silhueta avantajada, a saliva que saltava de sua boca, o dedo em riste balançando junto com braço, o rosto com as sobrancelhas dispostas como duas taturanas oblíquas e inertes que acompanhavam os movimentos de sua testa.

A noite começava e mesmo com o frio de junho, o suor em torno de minhas orelhas descia pelo pescoço e percorria as minhas costas. Eu estava de pé desde o início dos gritos e não queria que ele me visse chorar, cruzei os braços e coloquei firmemente a mão esquerda próxima do ombro para evitar tremer. Uma tontura difusa e uma náusea dolorida começavam a tomar conta de mim, pensei que ia desmaiar, ou morrer.

Como ele não parava, e eu não conseguia fazer nada para impedi-lo, tentei respirar. Lembrei da técnica de respiração que eu ensinava para os jovens do Ensino Médio, que ficavam ansiosos antes das provas. Baixei uma das mãos para o abdômen e a outra mantive no peito apontando para cima. Com os ombros eretos, tentei respirar profundo e lentamente sentindo o diafragma.

A tentativa não surtiu efeito, eu estava paralisada, emudecida, sozinha.

Desviei um pouco o olhar e com apreensão percebi a criança ao lado dele. Um menino por volta de oito anos, que estava com os

dois pés em cima da cadeira, tinha em seus joelhos flexionados um celular que absorvia toda a sua atenção. Indiferente ao que acontecia ao seu redor, parecendo acostumado com os gritos do pai apenas aumentou o som do jogo no aparelho e seguiu jogando *Dead Island*.

Pensei em pedir para o homem parar, mas no lugar onde eu estava, isso estava fora de questão. Eu precisaria ouvir até ele parar, ou poderia sair da sala. E essa era a minha vontade, sair correndo para bem longe daqueles gritos, sumir, me confundir na escuridão da noite que já estava instalada. E morrer.

Mas aos poucos, fui percebendo que isso também estava fora de questão, porque isso era o esperado que eu fizesse, que eu fugisse, que eu não voltasse mais. Tentei me distanciar da situação para tentar entender.

Talvez, também houvesse um misto da raiva que ele estava demonstrando, com algum tipo de prazer que pudesse estar sentindo, ao ver que a mulher que estava sendo agredida ficava ali de pé, até ele conseguir se esvaziar da cólera.

E se ela permanecesse ali?

E se ele quisesse repetir a sessão de agressões?

E se ela deixasse o medo que estava sentindo, aparecer em seu rosto?

Isso aumentaria o prazer, ou a raiva do homem?

Talvez ele só soubesse sentir raiva, e esse fosse seu único prazer.

Ele gritou mais alto, ganhando novamente o meu olhar. Aquilo exigia atenção plena, se eu quisesse que cessasse. Se eu me distanciasse ou não demonstrasse a atenção esperada, ele gritaria mais alto.

A única coisa que passava pela minha cabeça, em meio aos gritos, era: o que eu havia feito para autorizar aquele homem agir daquela forma comigo?

O que eu era? Me sentia como algo, e não alguém. Um objeto, não uma pessoa. Era como se eu fosse um saco de pancadas, um corpo morto de um bicho, cuja morte fizesse com que ele se sentisse autorizado a chutar, uma lixeira na qual pudesse ser depositado um lixo orgânico que apodrecia e cheirava mal.

Um objeto exposto publicamente, no qual fosse possível projetar toda a violência que coubesse dentro de um homem que se sente competente a gritar com uma mulher.

Eu era uma mãe, uma avó, uma professora durante toda a vida e nos últimos anos era uma coordenadora, uma mulher de 61 anos, de baixa estatura, acima do peso, usando um batom cor de boca, de calça jeans e camisa branca, com um colar de flor colorida de tecido, com brincos e os anéis imitando prata, calçando botas de salto baixo, cabelos grisalhos e crespos contrastando com a pele parda, e que, talvez, em função da idade e experiência profissional, parecesse madura, forte, inabalável. Talvez quando ele olhasse para mim, pensasse que eu já houvesse lidado várias vezes com situações iguais a esta, nas quais é “natural ouvir calada”; ou eu parecesse tão frágil que facilmente pudesse ser acuada, sem saber reagir, perante um homem que gritava.

Para ele, eu era mesmo um objeto, uma escarradeira.

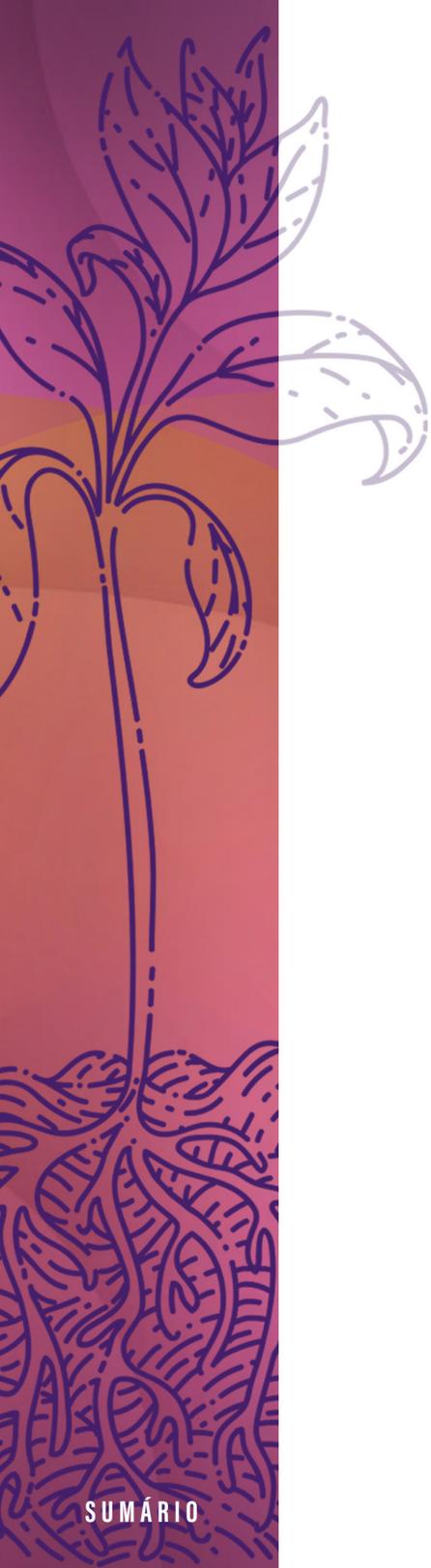
Talvez ele não pensasse, apenas precisava gritar toda a raiva que sentia, talvez pela situação, mas certamente pelas mulheres.

Mas o homem que gritava de fato não me conhecia. E eu era madura, forte, inabalável, frágil, acuada, tudo isso, e um tanto mais. Me mantive de pé, suando, com a boca seca, e o coração disparado dentro da caixa torácica completamente endurecida pela tensão, segui imóvel ouvindo as agressões verbais que eram proferidas aos gritos.

Me mantive ali porque eu estava paralisada, emudecida.

Sozinha.

Em uma sala cheia de gente.



Quando ele parou, já prometendo que retomaria a palavra, tentei, expressando uma naturalidade irreal, sem tremer a voz, responder rapidamente duas questões que consegui distinguir durante a gritaria e que necessitavam de resposta imediata. Uma sobre a entrega das apostilas que estavam atrasadas, e a outra sobre o plano de recuperação de aulas do período da enchente de maio.

As apostilas eram produzidas pelos professores, a partir de uma curadoria em incursões na internet, utilizando textos autorais ou de domínio público, eram organizadas no final do ano, ou durante as férias e colocadas em uma fila para impressão na própria escola, uma proposta que visava a economia das famílias e que enfrentava os preços exorbitantes dos livros didáticos. E também, tratava-se de uma estratégia de fazer um currículo menos “engessado”, mais “personalizado” com a cara dos professores. Pretendia-se com isso que os impactos científicos, sociais, conceituais do ano anterior passassem a compor também um material mais “conectado” com o nosso tempo.

Uma fórmula caseira fadada ao fracasso com o passar dos anos, caso o material não acompanhasse também as formas de produção e reprodução, considerando o número de alunos e de componentes curriculares. A “estratégia” precisava ser revista, especialmente considerando a remuneração de um trabalho intelectual e, algumas vezes, autoral realizado pelos professores, que adaptavam e organizavam as apostilas.

Este era um problema anterior à minha entrada, reconhecido pelos pais que já haviam recebido com atraso as apostilas em anos anteriores. Quando entrei na escola tentei, em vão, fazer com que a direção percebesse a importância de fazer a impressão em gráficas que pudessem dar conta da demanda e que melhorassem a qualidade do material. Além disso, todas as mudanças curriculares que vieram com o Novo Ensino Médio precisariam ser estudadas e colocadas nas escolhas dos professores para a confecção didática das apostilas.

De alguma forma, até então, o uso das apostilas nos anos finais e no ensino médio sempre foi problemática, ou pela qualidade didática, ou



de impressão, ou pelos constantes atrasos, mas era possível perceber que nesse arranjo havia um “bom negócio” e que no final tudo ficava em paz. Naquela noite respondi somente o que se referia a minha atuação como coordenadora e responsável pelo atraso no ano letivo. Responder referindo somente o seu próprio trabalho causa a impressão de que a escola não tem uma história, a falta de memória institucional favorece a repetição dos erros antigos e procura um culpado, que é sempre novo e está diretamente ligado ao profissional que está atuando no momento. Desse modo evita as possíveis discussões e soluções de questões que poderiam ser resolvidas em um coletivo pensante.

Sobre o plano de recuperação de aulas do período da enchente, respondi à pergunta com o plano que já havia sido apresentado antes do homem começar a gritar. Essa era uma questão bastante sensível para todos. Como poucos deles foram atingidos e a escola estava localizada fora da área de risco, os pais consideravam inadmissível que as aulas não tivessem sido mantidas durante o mês de maio, mesmo em um cenário caótico e imprevisível para os deslocamentos na cidade. Manter os filhos distantes de algo que ocorria na cidade, no estado, que em pouco ou nada os atingiu, era para os pais, uma forma de proteger os jovens, e de eles aprenderem que a vida precisa seguir em seu ritmo de sempre, alheia à desgraça, à dor, ou calamidade climática e humana. Mantê-los distante da desgraça dos outros, era imprescindível para evitar sofrimentos desnecessários e atrasos na aprendizagem, especialmente considerando que aquilo nada tinha a ver com suas realidades.

Em seguida, passei a palavra para a professora Sônia. Sônia era a professora tutora dos alunos, das duas turmas dos 9º anos. Para escutá-la, e também para sair da frente de tantos olhares, me dirigi para o fundo da sala, atravessei o corredor entre as fileiras de cadeiras nas quais estavam acomodados os pais e as mães, a diretora e a vice-diretora, e o presidente do Conselho Escolar.

Fui até o fim do corredor, estava com medo de errar o passo e cair, estava com medo de que o chão me faltasse, estava com medo, mas fui. Com tristeza e insegurança, pois se todos que estavam ali, se mantiveram quietos, durante os longos minutos que duraram os gritos, com certeza concordavam com o que o homem havia falado.

No fundo da sala me postei de pé, ao lado do Diretor do Conselho Escolar, que estava sentado ao lado do homem que havia gritado. Ficamos os três quietos e olhando para a frente.

Sônia começou a falar sobre as vivências como tutora das duas turmas, as situações com os alunos, as propostas de atividades externas e como eles voltaram após um mês sem aulas.

Sônia falava rápido, escolhia e media as palavras para não aumentar a tensão. Algumas vezes falava só a metade delas, quando sorria ao contar algo que havia sido instigante, agradável ou alegre, a voz vinha embargada.

Não estava permitida a alegria naquela sala, nem a que fosse vivida com os alunos da professora, ou com os filhos do homem que gritava, ou com os filhos dos demais que seguiam calados.

O perfil acolhedor, alegre e ético de Sônia pelo qual foi escolhida para a função de tutora estava borrado, sem nitidez.

Os corpos das professoras que ali estavam, precisavam estar contidos pelo medo e pela tensão, era permitido apenas o que as mantivessem em dúvida e especialmente tristes, colocando em questão a competência e o trabalho que desempenhavam.

Sônia, mulher, mãe, professora, pesquisadora estava trêmula, amedrontada, queria terminar logo com aquilo.

Os gritos do homem não atingiram somente eu naquela sala, Sônia entre as tantas mulheres que ali estavam, se sentiu também acuada, como eu.

E como eu, também se manteve em silêncio.



RECREIO

Em 1973, a banda Secos e Molhados, lançou o primeiro disco, no qual estava a música pop psicodélica “Fala”, cujo refrão diz o seguinte:

“Eu não sei dizer.
Nada por dizer.
Então eu escuto.
Se você disser.
Tudo o que quiser.
Então eu escuto”.

Era um tempo no qual o silêncio fazia parte de um jogo mortal, então somente escutar e se manter quieta, dependendo do humor do torturador, poderia ser a salvação.

E eu, porque me mantive em silêncio em 2024?

Crescemos perpetuando o silêncio, em diversas situações, nos relatos de outras mulheres que também precisaram se calar, nos *Olhos D’água* de nossas mães, de nossas filhas, em ditos e malditos populares:

“Não responde que vai dar a impressão que isso te abalou ou que tu queres brigar”, sim, isso estava me abalando e talvez eu quisesse brigar, talvez somente não tivesse forças para uma briga, era uma pessoa empregada pela instituição cujo representante gritava comigo. O abalo causado pelos gritos eram abalos sísmicos, iam até as entranhas das rochas sedimentadas do meu ser, pressionavam cada estrutura da mulher, da professora e liberavam uma energia de morte, de desolação.

“O silêncio é, às vezes, mais forte que as palavras”, mas quando as palavras são ditas aos gritos, repetidas vezes, e contam com o aceite da plateia, começamos a acreditar que o que é dito é verdadeiro.

Então silenciemos.

A stylized, light-colored line drawing of a plant with several leaves and a small flower-like structure at the top, positioned on the left side of the page. The background consists of overlapping, semi-transparent shapes in shades of purple, brown, and orange.

2

**OS OUTROS
HOMENS**



Sônia terminou a fala pedindo desculpas pelo tempo que havia tomado, eu me dirigi novamente para a frente da sala e a abracei, ela se sentou com os ombros curvados, estávamos as duas na posição desejada, esperada, carregando em nossos corpos as culpas, éramos a identificação dos erros e dos entraves que faziam a educação não funcionar na escola.

Um alvo identificado em um campo de batalhas.

Agradei e também me desculpei pelo tempo que havia tomado das pessoas que ali estavam, e que antes do homem gritar pareciam atentas e interessadas nas pautas da reunião. Comecei a encaminhar para as perguntas das famílias, o homem novamente tomou a palavra, e seguiu gritando que “nada do que havia sido dito justificava o apagão que eu havia causado na escola”. Ele me atribuiu um poder que eu não tinha, mas que era conveniente que pensassem que era meu. Me designando como culpada do “apagão”, todos saíam ilesos, era só por alguém em meu lugar. Identificar um alvo é extremamente prudente e necessário para situações como esta.

Quando terminou, um segundo homem se levantou e gritando em um tom mais baixo disse que “eu havia falado muito, mas não havia esclarecido nada”. Em seguida, um terceiro homem, que não gritava, mas que falava com escárnio, demonstrando descaso com a minha fala feita no início da reunião, disse que: “quando eu pedia para eles terem cuidado e acompanhamento das substâncias que os filhos estavam utilizando, como álcool e cigarro eletrônico, coisas que já estavam sendo trazidas para a escola, que era para eu me dar conta do tédio das aulas que os professores estavam dando, e que isso fazia com que os filhos deles consumissem essas substâncias, para “aguentar” a escola. Que eles estavam aprendendo muito mais com aulas dadas na internet por influenciadores, porque eram mais interessantes e mantinham eles atentos”.

Após esta fala me senti como se estivesse morrendo de fato, e junto comigo um entendimento, talvez antigo e ultrapassado que

eu tinha sobre paternidade, responsabilidade, escola, aprendizagem. Mais um homem levantou e repetiu as palavras do primeiro, este por sorte, não gritava. E depois mais um, e mais outro.

Ao todo, cinco homens em sequência, com perceptíveis alterações no tom de voz, levantaram e repetiram as agressões do primeiro homem. Sem argumentos novos, era como se todos seguissem um roteiro, com palavras ora diferentes, ora iguais, e que faziam a situação se tornar cada vez mais perturbadora, inacreditável e violenta.

Eu me mantinha quieta. As minhas palavras não tinham força ou coragem, só medo, estavam cansadas como o meu corpo. O silêncio era a única estratégia que me sobrava para suportar de pé aqueles homens que se alternavam na posição intimidadora que lhes era conferida pela plateia que se mantinha, como eu, silenciosa.

Os homens que não falavam assentiam com o olhar, concordavam meneando a cabeça, cochichando entre eles, ou rindo e levantando o dedo em riste também. Três ou quatro estavam com os olhos baixos e pareciam não entender ou não concordar com o que estava acontecendo, nada faziam ou diziam.

Um olhava o relógio insistentemente como se estivesse preocupado com o tempo que perdia ali.

Era noite de quinta-feira, por certo não tinha jogo de futebol para assistir, tínhamos o cuidado de não marcar as reuniões em dias de jogos, para não atrapalhar as agendas familiares. Talvez a reunião fosse um programa tedioso, depois de desmarcar o *happy hour* ou a hora da academia, mas seguiu assistindo indiferente como uma mulher se porta quando alguns homens resolvem que hoje é o dia de gritar.

Após o sexto homem se manifestar, uma mulher/mãe pede a palavra e, sem se levantar, vira para trás e solicita gentilmente ao

homem que baixe o volume do jogo de seu filho, para que todos na sala possam se ouvir.

O homem se levanta indignado com o pedido da mulher, puxa o filho pelo braço, que reclama que quer continuar jogando. O homem junta bruscamente a mochila ao lado da cadeira e grita “que já estava saindo daquela porcaria”, “que aquilo não ia resolver nada mesmo”, e se retira, agora com o filho aos berros porque não pode continuar com o seu jogo.

Após a sua saída houve um rápido e desordenado burburinho na sala. Era como se a plateia que até agora se sentisse representada pelo homem que gritava, não soubesse mais o que fazer com a sua falta, como iriam falar? Como iriam proceder?

Assim como aquela presença os mantinham firmes e unidos, sustentando as suas performances, dando uma linha condutora para as suas falas repetidas, a ausência dele e a falta do som do jogo do menino, diminuíram a exasperação do grupo.

Era como se um pai tivesse abandonado de forma inesperada os filhos adultos na sala. E estes sem autonomia, sem coragem para seguir com o rompante da violência paterna, ficassem órfãos, sem saber o que fazer.

Como o desligar de um ventilador que sopra por baixo inflando os bonecos do posto de gasolina, a saída rápida e inesperada daquele homem desinflou vários deles, que ficaram largados em suas cadeiras, com os braços inertes, desarmados, impotentes.



3

**UMA
MULHER**

Um silêncio constrangedor tomou a sala, uma mulher se levanta, se desculpa e diz “que nunca havia vivenciado algo parecido, que estava profundamente envergonhada de ter participado daquilo, que o silêncio dela havia contribuído para um linchamento moral de uma pessoa, que era uma profissional que trabalhava com os filhos deles e para quem todos ali deviam respeito”, “que era inadmissível isso acontecer dentro de uma escola”.

Enquanto eu a ouvia, me senti autorizada a chorar, duas lágrimas descenderam no meu rosto, bem devagar, tímidas, imperceptíveis, mas que ajudavam diminuir a sensação de asfixia. É como se ao falar ela tivesse tirado as mãos pesadas que apertavam com força a circunferência do meu pescoço.

Os gritos do homem não atingiram somente eu naquela sala, Sônia e aquela mulher que agora falava, também se sentiram acuada, como eu me senti.

E diferente de nós, aquela mulher agora rompia o silêncio.

Seja com um outro grito, com um choro, ou um manifesto radical que contradiga o que foi dito, e, mesmo que todas as outras mulheres não consigam, uma mulher rompe com o que foi estabelecido, uma mulher corta o silêncio, o medo, o constrangimento.

Não todas as mulheres, mas sempre uma mulher.

E quase sempre, a mulher só consegue se manifestar depois que o homem que grita, abusa, machuca, está distante. Quando o abusador se afasta, e ela sente um pouco de segurança.

Mas o silêncio foi rompido por uma mulher que sentiu culpa e vergonha. E a culpa e a vergonha são lugares no quais os nossos corpos são autorizados a transitar, há uma concordância de que ali nossos corpos combinam, harmonizam, quase tão bem como no silêncio, um lugar que ocupamos com facilidade, sem reclamar.



Após falar, ela também se retira porque está atrasada para buscar o filho em uma atividade extracurricular. Diferente da saída do homem, que causou um esvaziamento em seus pares, quando a mulher se retirou da sala outras mulheres também se sentiram encorajadas a falar.

Uma por uma se levantou e manifestou seu incômodo com a situação que havia ocorrido ali, com elas também levantaram alguns homens que até agora não haviam se manifestado, e que pediram desculpas pelo acontecido.

Uma mulher havia rompido o silêncio e com isso, mesmo se retirando da sala fez com que as outras mulheres e alguns homens se confrontassem com os seus próprios silêncios, suas omissões e com a naturalidade com que não se pronunciavam diante da violência e da impunidade.

A omissão é um lugar cômodo de ocupar, nos deixa livres para não sermos aparentemente violentos, faz parecer que somos comedidos e que tomamos decisões importantes, somente quando a situação está resolvida.

A mulher que não se omitiu de falar, de expressar sua indignação depois que o abusador foi embora, e que contava mentalmente os minutos, porque não podia se atrasar para buscar o filho. Sem precisar sequer olhar o relógio para conferir o seu atraso, atrasos próprios de uma mulher que precisava cumprir uma agenda de onipresença para dar conta da maternidade, mas que ainda assim, falou antes de sair, mostrando que ela sentiu também um descabimento com o ocorrido.

Por fim todos, inclusive alguns dos homens que haviam gritado antes manifestaram seu desacordo, pediram desculpas, menos a diretora e a vice-diretora que estavam presentes, e o presidente do conselho de pais.

A reunião se encerrava com a promessa de uma carta de repúdio, que nunca foi escrita, em nome das duas turmas sobre o que havia acontecido naquela noite. A intenção era tentar garantir que aquilo não acontecesse novamente. Antes de sair muitos vieram me abraçar e se desculpar.

No entanto, para mim, a reunião terminava com uma certeza, eu seria demitida, a tentativa de me fazer desistir, abandonar, recuar, foi em vão.

Quando todos se retiraram do recinto e seguiram para suas casas em paz, eu estava exausta. Verifiquei se os equipamentos estavam desligados, apaguei a luz e fechei a porta.

A tensão, as muitas formas de silêncio, deixaram todo o meu corpo dolorido. A sensação recorrente de morte que tive durante aquelas duas horas e meia, havia acabado com qualquer resquício de ânimo que pudesse ter.

Descendo as escadas, percebi que na sala da coordenação, no final do corredor, apesar das cortinas estarem fechadas, era possível ver que uma pessoa me aguardava.

Queria apenas que quem estivesse me esperando, que fosse rápido em suas demandas, que não esperasse nenhuma resposta ou reação, que me deixasse pegar as minhas coisas e sair.

Queria ir para casa.

A stylized, light-colored line drawing of a plant with several leaves and a central stem, positioned on the left side of the page. The background consists of overlapping, semi-transparent shapes in shades of purple, brown, and orange.

4

COLEGA

Era a Helena que me aguardavam na sala, já sabia do ocorrido por meio de uma mensagem do *whatsapp* de uma mãe que estava na reunião, e que era também nossa colega de trabalho.

Helena queria saber como eu estava, como eu havia reagido. Conteí o que eu conseguia lembrar, mesmo sem achar possível que algo assim tivesse realmente acontecido, dentro da escola, era tão violento quanto inacreditável.

Quando terminei, Helena contou da reunião com ela no ano passado, na qual esse mesmo homem gritou e criou uma situação extremamente constrangedora. Foi um momento horrível e ela se sentiu acuada e chorou na frente de todos os presentes.

Contou que mais homens fizeram coro com ele. E somente depois do ocorrido e pessoalmente algumas famílias manifestaram o seu pesar em relação ao acontecido.

Ela registrou um boletim de ocorrência na delegacia, mas, era preciso ter cuidado pois ele era um servidor federal, que tinha a guarda total dos filhos e que a mãe não tinha autorização nem para chegar perto deles.

Perguntei o que o jurídico da escola tinha feito para apoiá-la.

Disse que nada havia sido feito.

Considerando que ela trabalhava ali há mais de vinte anos, e eu a apenas um ano e cinco meses, com certeza eu não teria apoio nenhum do jurídico, como não tive apoio da direção da escola e da direção do conselho de pais durante a reunião.

Fiquei impressionada com a força de Helena, como conseguia se manter ativa e produtiva depois de tanto tempo em um lugar assim? Mas ela também se manteve em silêncio perante aquele homem. Ela já havia me contado várias coisas que havia passado ali., como reagia com discrição e que outras vezes também chorava.

Eu com certeza, não aguentaria metade do que ela passou. E como ela dizia: “eu não sabia da missa a metade”.

Mas ela tinha um trunfo, suas condições de vida eram mais próximas da realidade deles, a minha era muito distante.

A cabeça latejava, não queria mais lembrar, pensar ou levantar hipóteses, não queria saber o que era rezado na missa na qual só alguns poderiam entrar, só queria sumir.

Helena me ajudou a recolher as minhas coisas e ofereceu carona até em casa. Quando estacionou na frente do prédio, se despediu desejando força e ânimo, disse que eu tinha sido muito corajosa de enfrentar de pé e sem chorar na frente dos pais.

Pensei em contar para ela que não se tratava de coragem, mas sim de não poder fazer qualquer outra coisa. Que eu estava apenas paralisada de medo. No entanto, a exaustão era tão maior do que todo o resto, e a minha boca não me permitia articular nenhum som que ousasse sair pelos lábios.

Ao lado da porta do carro, esperando para atravessar a rua e entrar definitivamente na noite escura, esbocei um sorriso e acenei.



RECREIO

Enquanto morria naquela sala de reunião, lembrava de Tenório, no livro *“O Averso da Pele”*:

“você não sabe como sobreviveu à escola, primeiro como aluno, depois como professor. Não sabe como aguentou todas aquelas situações constrangedoras e violentas que a escola proporciona a todos que fazem parte dela. Entretanto, nesse mundo escolar, havia uma hierarquia de chateações. Para você, a reunião com pais estava no topo, [...]. A reunião com os pais é quando você abre a porta de um manicômio, você dizia. É quando você se torna uma espécie de psicólogo ou psiquiatra, não dos alunos, mas dos pais.”

A literatura, pela primeira vez, não me salvou daquela morte lenta, repetitiva e contínua que se deu ali, eu não era uma psicóloga e nem uma psiquiatra. Eu era uma professora.

A stylized, light-colored line drawing of a plant with several leaves and a central stem, positioned on the left side of the page. The background consists of overlapping, semi-transparent shapes in shades of purple, brown, and orange.

5

ABACATE

Quando entrei em casa, a cafeteira em cima da mesa marcava 22h43min, a luz do poste na calçada iluminava o pequeno apartamento. Sentei-me no sofá. Pensei que a penumbra e o silêncio poderiam me acolher. Para sempre.

Estava exausta como nunca antes, emocional e fisicamente.

A mente era um novelo gigante e embaraçado. De olhos fechados, apertei a cabeça no recosto do sofá. Queria dormir, queria que o tempo passasse rápido, que os dias passassem e quando eu abrisse os olhos novamente eu estivesse longe dali.

Não haveria sono que me recuperasse, mesmo que eu dormisse dias seguidos. O meu corpo não segurava mais o que estava carregando nos últimos dezessete meses. O stress, a preocupação, o medo, a angústia, a fadiga e o esgotamento. Abri os olhos, olhei novamente para a cafeteira que marcava 23h11min.

Percebi que precisava fazer xixi, me dirigi ao banheiro, o corpo que já não aguentava mais, ainda emitia sinais para lembrar que estava vivo. Me despi, liguei o chuveiro quente e entrei no box. Deixei a água correr, fiquei debaixo d'água. Não chorei, não gritei, estava seca, oca, vazia, uma morta, que ainda estava viva.

A tontura e a dor na boca do estômago voltou rapidamente, pensei que fosse cair no piso molhado. Era fome.

Sequei o corpo, comecei a sentir o frio que vinha da rua, do prédio, da porta de madeira. A umidade concentrada de maio ainda estava por toda a cidade. Me agasalhei, abri a geladeira e me sentei no chão, abri um pote de abacate batido com limão e leite condensado. O creme verde, doce e gelado foi o único alimento que o corpo permitiu que escorresse pela garganta, não queria mais falar, nem mastigar.

Abri o notebook e registrei um boletim de ocorrência, no qual escrevi pela primeira vez sobre o que havia acontecido naquela noite,

citei os nomes das pessoas que gritaram na sala. Fiquei pensando em quem lia um B.O. e decidia se aquilo era relevante ou não.

Perante tantos crimes, feminicídios, estupros, porque perderiam tempo com alguns gritos proferidos por um homem, dentro de uma escola privada, em um ambiente tão seguro para uma mulher?

Em seguida, escrevi novamente, desta vez registrei no canal de denúncia de assédio do colégio. Ali com certeza precisariam ler e se posicionar perante o ocorrido dentro das dependências da escola.

O corpo não queria mais falar, mas ainda escrevia.



6

APELIDO



Quando terminei, os pássaros da madrugada já cantavam como se fosse dia no condomínio popular. Sabia que não iria conseguir dormir, ficaria imóvel na cama e o meu cérebro funcionaria como uma carne que foi moída e que estava exposta às moscas. Fiquei sentada no sofá, que nos últimos meses acolhia o meu corpo em um estado de oscilação constante entre medo, tensão e apatia. Percebia que o corpo estava incabível, saturado, não conseguia mais apreender dentro dele a energia, a coragem, a consciência.

Sabia que se não tivesse ido buscar ajuda no ano passado as coisas estariam ainda piores.

Meu corpo sempre expôs os sintomas, nada passa por mim sem me afetar de alguma forma, muitas vezes foi cansativo ser eu, mas meus cansaços eram esparsos e breves.

Em algum ponto o corpo que se agencia sob a inscrição de professora, que por muito tempo foi forte, inquieto, criativo, potente, produtivo, foi ao longo dos últimos dezessete meses, alterando seu status, primeiro para um corpo sobrecarregado e depois para um corpo esgotado.

Em algum ponto isso começou, e não foi enquanto o homem gritava, foi antes, muito antes. O homem que gritou em uma reunião de pais de uma escola privada, destravou as memórias do corpo da professora. E o Corpo Da Professora precisava lembrar como chegou até ali, precisava lembrar que já foi um corpo político, vivo e que afirmava a sua potência.

Passei um café, troquei de roupa juntei novamente minhas coisas e me dirigi para o colégio. Na cafeteira estava marcando 7h05min. Um quarteirão e meio, que eu percorreria a pé, levando exatos doze minutos para alcançar o portão dos fundos do colégio, na entrada do estacionamento dos professores.

Pelo número de mensagens que estavam em meu celular, com certeza, todos no colégio já sabiam do ocorrido na reunião, nas diversas versões que esse episódio ganhou durante a noite.

Eu oficialmente, estava de banco de horas porque as diversas reuniões que ocorriam no turno da noite, acumulavam horas extras. Não bati o ponto para não registrar a minha presença. Esta também é uma estratégia de silenciamento, com a qual fui conivente e omissa, eu havia feito isso muitas vezes, eu precisava estar lá, todos sabiam que eu estava lá, brincavam com o fato de eu estar lá, mesmo eu oficialmente não podendo estar, mas o ponto seguia irrepreensível, sem nenhuma hora para compensar. Caso o número de horas extras excedesse, eu seria advertida, precisaria assinar uma ata e se isso acontecesse repetidas vezes estaria demonstrando que não conseguia realizar as tarefas do meu cargo no horário contratado. Quem trabalha em escola sabe que se cada reunião dura duas horas e se no mês tem quatro reuniões, serão mais oito horas que serão adicionadas às tantas vezes que foi preciso sair alguns minutos, ou algumas horas depois do horário. A conta no banco de horas era um cálculo que não fechava, vinha com muitas “tarifas extras”, e favorecia a sonegação do tempo que se passava na escola, me mantendo sempre “endividada” com as demandas.

Me dirigi direto para a sala da direção, para avisar sobre os B.Os. registrados, sobre a comunicação para o canal de assédio e para saber qual era a posição do colégio. Apesar de ter ficado evidente na noite anterior a omissão da escola frente à violência, eu queria ouvir delas qual seria a abordagem e os encaminhamentos.

Entrei na sala da secretária que estava vazia, bati na porta da direção e ninguém respondeu, sentei-me na recepção e fiquei aguardando. Enquanto olhava pela janela o burburinho da chegada dos estudantes, os encontros dos amigos que para demonstrar alegria ficavam se empurrando e rindo dos que não eram de seu grupo, os que vinham com a cabeça enterrada no capuz de moletom, os que

vinham com os fones de ouvido, três ou quatro que quicavam uma bola na parede, aos poucos se distribuía em pequenos grupos no pátio ou entravam nas salas para garantir um último cochilo.

Enviei mensagem de *whatsapp* para a diretora, para a vice e para a secretária. Os carros delas estavam no estacionamento, deveriam estar em outro espaço do colégio e logo estariam por aqui.

Aos poucos todos foram entrando nas salas, eu me recolhi na cadeira para tentar encontrar nas memórias, em qual momento isso havia iniciado? Em qual lugar eu estava quando isso começou?

CTAP

Talvez tenha sido ali mesmo na sala da direção, em março de 2023.

Algumas profissionais do conselho técnico-administrativo pedagógico da escola estavam lá esperando o início da reunião de CTAP. Essas reuniões são semanais, acontecem em um turno e participam todas coordenadoras e supervisoras de todos os níveis de ensino da escola, junto com elas a direção e a coordenação geral. Ali são resolvidas e deliberadas as questões pedagógicas e administrativas, há a troca de informações necessárias para a organização e o compartilhamento dos desafios e das soluções que foram construídas.

Enquanto esperávamos que o grupo estivesse completo, tomávamos café e conversávamos. Eu aproveitava para inserir mais uma questão na pauta, duas colegas falavam sobre tratamentos capilares. Claudia misturava duas gotinhas de adoçante com o café que estava na xícara dourada identificada com o seu nome.



Em seguida ela toca no meu pulso com a ponta da colher e pergunta: Sabes qual foi o apelido que as mães da turma do 3º ano te deram? Respondi que não sabia e que não estava muito curiosa para saber, porque não devia ser boa coisa.

Considerando que algumas dessas mães já haviam manifestado indignação e solicitado a minha demissão quando houve a proibição do uso de sinalizadores dentro da escola, e da permanência dos estudantes alcoolizados quando vinham para o colégio “virados” depois da festa do “Último Primeiro Dia de Aula”.

As mães ficaram bastante revoltadas com isso, afinal era o último ano dos filhos na escola antes de irem para a universidade, ou partirem para um mochilão em um ano sabático. E elas queriam garantir que eles tivessem as melhores lembranças e experiências, e não proibições de atitudes que “são próprias dos meninos dessa idade”.

Consideravam arbitrário que uma decisão dessas fosse tomada sem conversar primeiro com eles e as famílias. Para elas, era pouco sensível decidir isso sem entender o contexto que eles teriam que enfrentar na saída da escola e a importância de poderem viver os últimos tempos ali com liberdade e intensidade, antes de assumirem responsabilidades complexas.

As mães entendiam que uso de sinalizadores e irem alcoolizados para o colégio era algo comum, que fazia parte desse momento de transição, e que todas as turmas dos terceiros anos antes de minha chegada, já haviam vivenciado isso na escola.

A proibição fica personalizada na imagem da pessoa que comunica o que foi decidido, mesmo considerando que a proibição foi resultante da discussão de toda equipe técnica. A equipe técnica é composta por profissionais da educação que estudaram para a função que desempenham e que, constantemente, se atualizam sobre as legislações escolares de educação e segurança. Algumas decisões causam revolta, porque proíbem, vetam, revogam

coisas que parecem direitos inerentes dos jovens que frequentam o ambiente educativo de uma escola privada, como beber ou portar e utilizar sinalizadores.

A indignação dos jovens também fica centrada na pessoa que comunica a decisão, que na ocasião fui eu.

Apesar de ser uma decisão do CTAP, isso acendia a centelha da dúvida na minha percepção, será que eu não oferecia uma escuta suficiente para as demandas dos jovens? Eu era de fato insensível e sem conexão com eles e havia votado pela proibição sem considerar todos os contextos possíveis? Será que a minha preocupação com a segurança física deles e dos demais era exagerada?

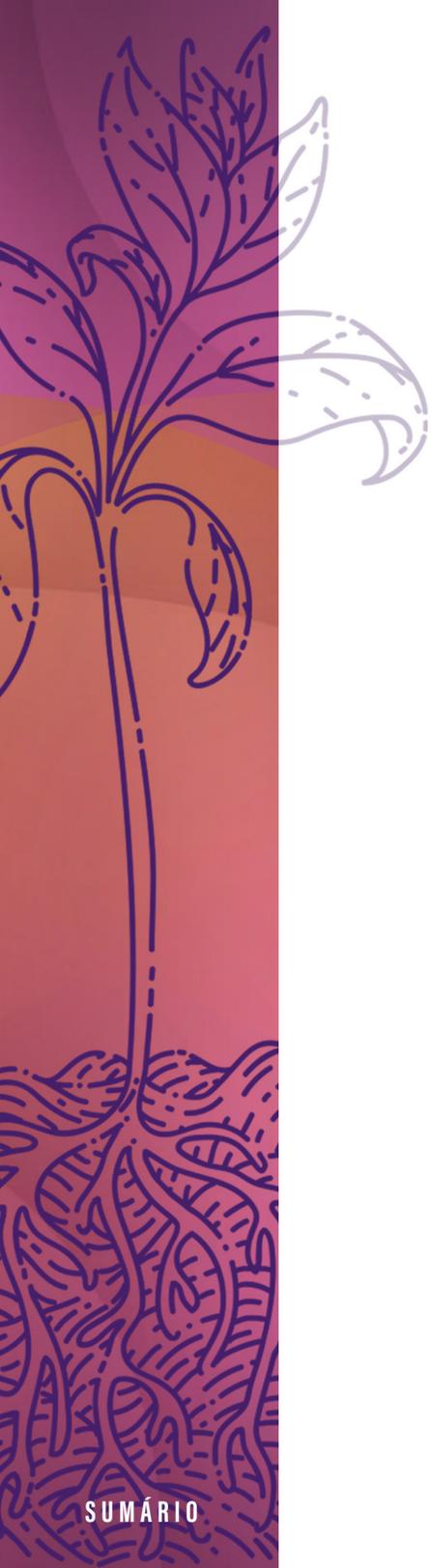
Afinal outras escolas particulares tinham também problemas com o uso de sinalizadores e álcool. Alguns raros casos, que causassem transtornos para além dos domínios da instituição e ganhavam as ruas, algumas vezes, impedindo o trânsito, sabíamos pela mídia. Outros sabíamos nas salas de professores, com os que compõem carga horária em mais de uma escola ou rede e que muitas vezes compartilham as similaridades e as formas de lidar que cada espaço escolar adota com os ocorridos.

Na maioria das vezes, os casos que podem comprometer a imagem institucional são abafados, hoje com menos possibilidades em função das redes sociais.

Por que ali seríamos diferentes achando que essa era uma questão relevante?

Apesar das incertezas que estas questões geraram, considerava que como adulta e profissional, eu conhecia a legislação e sim, eu me preocupava com o que poderia acontecer com a integridade física deles e dos demais se isso seguisse sendo permitido.

Ainda assim, mesmo que a decisão tenha sido do conselho técnico, era eu que havia trazido a situação como um problema a



ser apreciado e votado. E era dessa forma que isso seria contado se necessário, a profissional recém-contratada, que havia decidido isso sem conhecer os alunos. Eu estava em meu segundo mês na escola, era fevereiro, em uma das reuniões de planejamento com os professores, eles me relataram as situações que ocorriam no primeiro dia de aula, em função dos sinalizadores, bebida, a entrada na escola com roupas de banho ou roupa íntima, pó colorido, relataram que os estudantes entravam nas salas e pintavam os professores que estavam recebendo as demais turmas e os colegas novos.

A preocupação do corpo docente era que este tipo de comportamento acabasse naturalizado, já que os terceiranistas chegavam no mesmo horário dos demais, e estes assistiam tudo isso como parte da “tradição” do último ano no colégio.

Apesar das minhas experiências anteriores em escolas privadas, eu ainda não havia vivenciado algo assim. Os últimos primeiros dias de aula que eu conhecia até ali, eram marcados por momentos dos jovens com as famílias e professores, e que eram organizados considerando que seria um ano importante e que encerrava essa etapa na vida deles.

Diante da preocupação exposta com as práticas dos últimos anos, pensamos juntos, coordenação e professores qual seria a alternativa proposta para tentar não deixar esse ser um dia marcado apenas pelos riscos e perigos. Foi antecipado que ao longo do ano outras práticas, especialmente estimuladas pelas produtoras de formaturas de ensino médio, que, cada vez mais, dominavam esse “filão do mercado de eventos”, deveriam ter um olhar especial, como o “Intervalo Temático”, que também eram marcados por excessos, preconceitos e desrespeito.

As produtoras tomaram um espaço de organização e comemoração que anteriormente era das próprias escolas. Com as suas pretensas formas de lidar com os jovens de um modo mais próximo,

as produtoras afirmavam que garantiam o engajamento e interesse, ao oferecerem eventos ao longo do ano que fazem parte de um pacote, nos quais os estudantes vivenciam experiências que marcam esse período com atividades divertidas, filmagens e registros.

E, algumas vezes, com um distanciamento dos valores institucionais criando situações constrangedoras, que depois precisam ser resolvidos pelo colégio respondendo pelos possíveis danos causados.

Pensando nisso planejamos o primeiro dia. O ideal seria recebê-los um dia antes dos demais e vivenciar experiências mais próximas dos terceiros anos, para que se sentissem acolhidos e pertencentes.

Os outros passos dados seriam organizados junto com os estudantes, ao longo do ano. Quando estava pronto levei para o CTAP, expliquei a situação e apresentei o plano. A ideia de recebê-los um dia antes foi rapidamente contestada pelo conselho técnico, fazia parte de “tradição” eles serem recebidos no portão principal do colégio e tomarem conta do espaço. Pensei que se eu tivesse insistido mais, ou se eu tivesse uma presença mais impositiva, ou talvez se eu fosse um homem, teria conseguido?

As outras ideias foram aceitas e a decisão foi unânime, não sem antes me avisarem que eu estaria mexendo com um “vespeiro”, com algo que para os estudantes era muito importante.

A comunicação da decisão para os estudantes não se deu de modo formal e assinada pelo conselho, fui eu que precisei comunicar, enviar para as famílias e estudantes um vídeo e uma carta com as orientações, avisando que eles não poderiam chegar alcoolizados ou portando sinalizadores.

Por um equívoco não esclarecido, a carta com os detalhes pormenorizados da ação não chegou a todas as famílias, somente

o vídeo que eu e a orientadora havíamos gravado dando boas-vindas e explicando como seria o primeiro último dia de aula.

Esse jogo de esconde-esconde, no qual “parece que decidimos juntas”, “mas quem decidiu foi você”, devia ser antigo, e garantia que a gestão ficasse distante das decisões mais delicadas, assim não era necessário dar “a cara a tapa”.

Eu ainda não conhecia a dinâmica, não tinha como me antecipar aos outros movimentos do complexo tabuleiro de poder, porque não sabia que estava em um tabuleiro, e no meio de um jogo, o qual vencida aquele que ao longo dos anos e frente às questões mais conflitantes fosse o mais omissivo, perante todas as violências, as grandes e as pequenas.

OS “APELIDADOS”

Em função das proibições impostas aos terceiros anos, de forma unilateral, pensei que o apelido que haviam me dado seria general, mandona, moralista, algo do tipo. Considerei peculiar que o apelido tivesse sido escolhido pelas mães e que estas, quando falavam com outra profissional da escola se sentissem à vontade de se referir à minha pessoa por um apelido. Os apelidos que recebemos na escola são geralmente depreciativos e raramente afetivos.

Quando criança tive alguns apelidos: Sagui, Pau de Vira Tripa, Magrela, Piaçava.

Nas conversas entre alunos no pátio da escola confessional em 1976, a colega que usava óculos era chamada de Quatro Olhos,

a outra que era negra era chamada de Palha de Aço, a que tinha um corpo com curvas na sétima série era a Saúva.

Meu irmão é conhecido até hoje por Perna Oca, porque comia demais e não engordava.

O professor de Educação Moral e Cívica era conhecido por TFP, porque usava todo o tempo da aula para falar da Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade, que via como uma entidade que oferecia proteção contra o comunismo, um fantasma, para o qual ele dava corpo, peso e importância, na tentativa de nos assustar.

Mal sabia ele, que o que nos assustava de fato eram as suas provas de quatro folhas frente e verso, com o conteúdo que ele não dava durante o seu único período semanal.

Sobrevivemos aos apelidos que ganhamos na escola. O apelido era como uma placa que nos identificava, que entrava antes de nós nos ambientes. Éramos saudados e lembrados pelo apelido. Algumas vezes, era em função do apelido que não éramos esquecidos. O apelido poderia ser conhecido por toda a comunidade escolar, ou poderia ser um modo particular de falar sobre alguém sem citar o nome, mantendo um conveniente anonimato.

Era importante a pessoa apelidada saber exatamente o apelido recebido, senão não teria graça, ela precisava saber qual era sua característica física ou comportamental, incômoda para os demais e que tornava a sua presença inadequada, permitindo o recebimento de um outro nome pelo qual seria chamada e até violências físicas por parte dos colegas.

Algumas vezes, o apelido era falado como se passasse uma afetividade, no diminutivo, ou com a voz fina, ou com a voz tentando imitar o som de macacos, para escancarar o racismo ou a homofobia que, ainda, eram desconhecidos como crime e preconceito, embora amplamente utilizados no ambiente escolar.



Se o aluno que ganhou o apelido fosse muito “azarado”, e um professor validasse o apelido sugerido pelos colegas, ele estaria sentenciado a nunca mais ser esquecido. Quando um adulto validava e reforçava o grupo ou aluno que criou o apelido e fragilizava ainda mais o apelidado na sala de aula, tirava a dinâmica de violência do espaço dos pares, dos que tinham a mesma idade, e concedia um *upgrade* de crueldade ao apelido.

Lembro-me de poucos professores que problematizavam algum apelido na escola, o silêncio docente é também um modo de não se comprometer com formas de suporte e atenção com os alunos.

O apelidado geralmente sorria a contragosto quando era chamado pela alcunha, ou porque concordava, ou porque ficava feliz que estava sendo lembrado mesmo que fosse por aquilo que os colegas consideravam um defeito. Alguns sorriam porque consideravam que isso fazia parte dos rituais do ambiente escolar, e que um dia a escola acaba, e outros porque de fato, não sabiam como lidar com aquilo.

A Saguí, Pau de Vira Tripa, Magrela, Piaçava sorria, não reclamava, no máximo quando ficava braba dizia: “o que vem de baixo não me atinge”, e geralmente ouvia: “então senta no formigueiro”. Se reclamasse para a professora ouvia que “não senta perto deles que eles vão cansar e daí te esquecem, isso é brincadeira de menino, eles são infantis.”

Há muito tempo, a infantilidade dos meninos é assegurada também pela escola. Hoje, os apelidos depreciativos ganham um outdoor em uma praça pública e universal que se chama rede social, e os apelidos ganharam *emojis* que funcionam como senhas que comunicam, ampliam e reforçam estigmas, grupos e violências.

OVELHA BRANCA

Claudia insistiu em contar qual era o apelido que me foi conferido pelas mãos do 3º ano. Assenti com a cabeça, e ela entregou em um misto de riso e de incredulidade: Ovelha Branca.

Em função dos cabelos brancos e crespos, talvez tenham considerado uma forma “divertida” de me chamar de velha. Etarismo?

Por outro lado, as ovelhas são animais gregários andam em rebanho, são vigilantes, mas medrosas, e têm um comportamento bastante previsível.

Talvez eu fosse uma ovelhinha branca, velha, medrosa e previsível. De qualquer modo, achei tudo muito bobo.

Se as visse rindo quando eu passasse por elas no pátio, eu lembraria do apelido?

Com certeza, mas eu não estava mais no sétimo ano, quando eu cantava o refrão da música do LP da Rita Lee e Tutti-Frutti: “Levava uma vida sossegada e gostava de sombra e água fresca”.

Levei anos para assumir os cabelos compridos, antes mantinha eles cortados bem curtos porque quando cresciam ficavam “rebeldes e muito crespos”, e eu parecia “desleixada e despenteada”. Levei bem menos tempo para assumir os cabelos grisalhos, envelhecer era uma experiência que não me assustava.

Agora meus cabelos estavam compridos, grisalhos, crespos e rebeldes e eu estava feliz com eles, especialmente com a cor.

Era 9h30min, quando a secretária da coordenação de turno veio me avisar que pela manhã a direção não teria expediente.

Mas que de tarde estariam lá, e que consideraram que a reunião que teria à noite com as turmas das primeiras séries seria transferida para que eu fosse poupada depois do ocorrido ontem.

Para isso eu precisava redigir uma informação que eu deveria ir para casa, avisando as famílias da primeira série, justificando que a reunião estava transferida por motivos de saúde. Na mesma hora recebi uma mensagem do RH, informando que haviam recebido a minha denúncia de assédio e que às 9h de segunda-feira me aguardavam para uma conversa com o psicólogo institucional.

Achei bastante conveniente a forma como a situação foi fantasiada e transformada em cuidado comigo. O “cuidado” institucional fazia parecer que o que estava acontecendo era um arremedo de *plot twist*, a preocupação com a profissional, era de fato, o tempo necessário que precisavam para organizar os detalhes finais da demissão.

Senti como se tivesse sido injetada uma substância de contraste em meu corpo, e eu atravessava a escola até a minha sala com todos os meus órgãos internos expostos e radioativos, meu sangue circulava rapidamente e meu coração estava prestes a explodir.

Redigi a informação e a encaminhei para a comunicação disparar para as famílias.

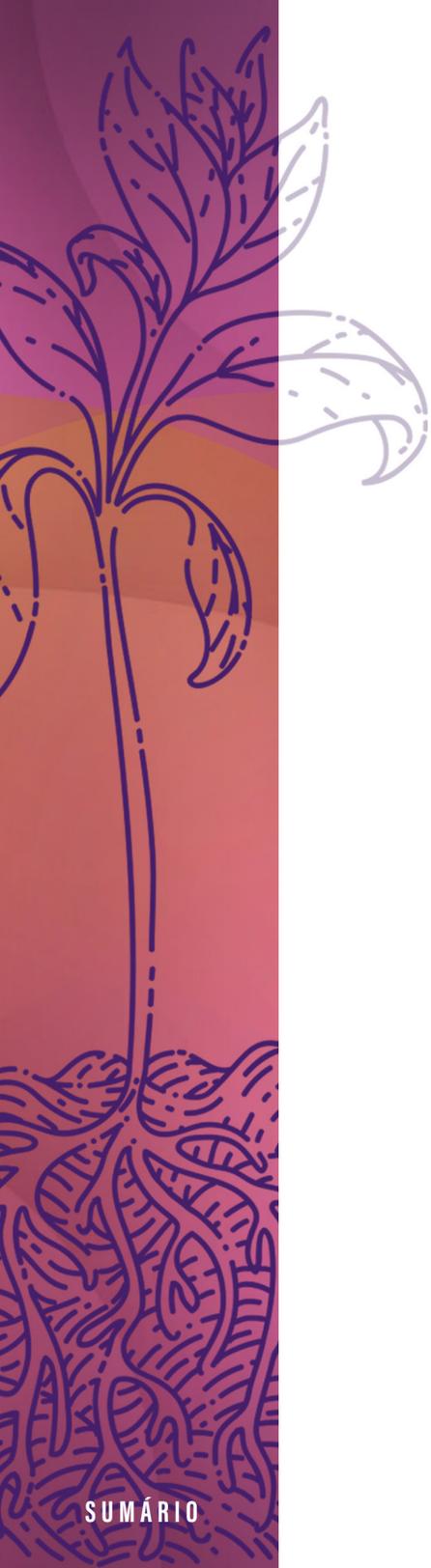
Olhei novamente o *whatsapp*, era época de reformulação do Conselho Escolar, no grupo institucional do colégio todos os educadores receberam uma mensagem com a foto do homem que gritava na noite anterior, comunicando que ele era o novo representante dos 9º anos. Se alguém me contasse eu não acreditaria, a pretensa carta de repúdio prometida na noite anterior não seria escrita, como repudiar alguém que será o representante de todos os pais que lá estavam?

Voltei para casa e almocei duas colheres de abacate. Deitei e dormi até a tarde de sábado. Acordei com batidas na porta. Era Ellen, minha colega que entre uma batida e outra, chamava o meu nome.



7

SINAIS



Eu havia dormido com a roupa que vesti para ir ao colégio no dia anterior. Abri a porta ainda tonta. Conhecia Ellen há bastante tempo e já havia trabalhado com ela em outras instituições. Nos últimos meses, ela vinha acompanhando com indignação o meu apagamento.

Estava furiosa, como ela dizia "soltando fogo pelos olhos", com a maquinação que o colégio havia feito para me expor, para que eu me sentisse humilhada e pedisse demissão. Queria que eu reagisse, falasse, brigasse.

Eu queria ter a metade do fogo que ela soltava pelos olhos, eu não tinha nem a chama trêmula de uma vela nos meus. Não queria reagir ou brigar, já sabia o que me aguardava na segunda-feira.

Fiquei ouvindo, grata pela preocupação. Ofereci abacate. Ela pediu um café. Revirou os armários e a geladeira e montou um sanduíche, que mastigou junto com a raiva que estava sentindo.

Aquilo que desconhecíamos como professoras, que antes não tínhamos vivenciado em outras instituições, estava consumindo nossos corpos e mentes, em movimentos diferentes. Uma estava carregada de raiva e a outra estava esvaziada de potência.

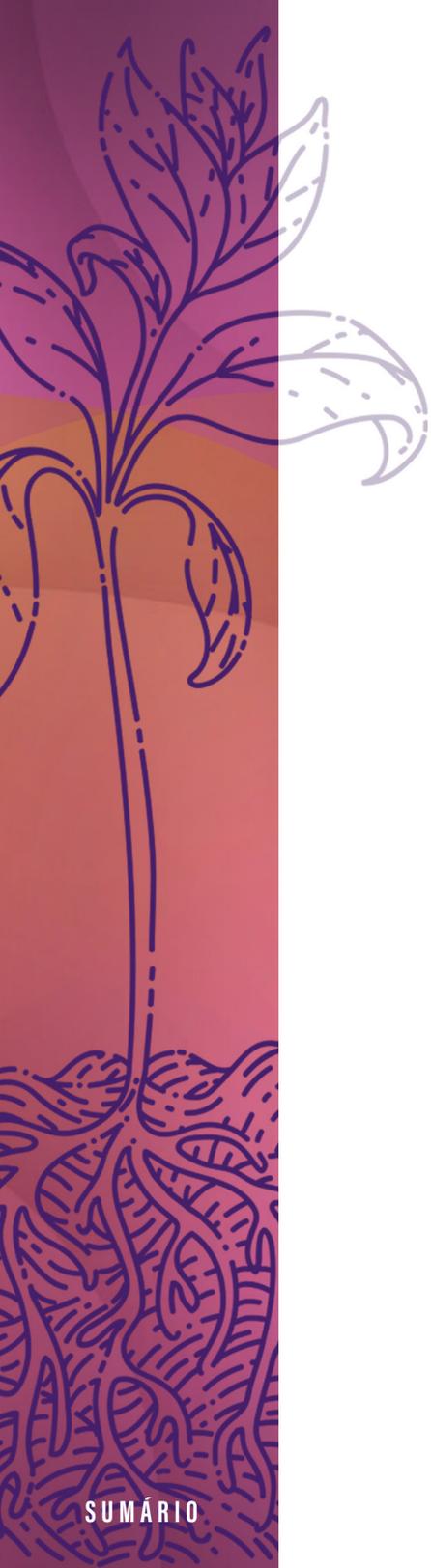
A qual tipo de agenciamento acoplamos as nossas vidas de professora? O que queremos ensinar e criar vivendo inúmeras situações que subtraíam a nossa potência?

Nós duas só tínhamos uma sensação, ou as situações de stress aumentariam, ou eu seria demitida imediatamente. Ellen lembrou que pelo menos eu contava com anos de experiência, além de um bom currículo.

A stylized, light-colored line drawing of a plant with several leaves and a small flower-like structure at the top, positioned on the left side of the page. The background consists of overlapping, semi-transparent shapes in shades of purple, brown, and orange.

8

**O BOM
CURRÍCULO**



Ouvi repetidas vezes que um bom currículo acadêmico não garantia um bom desempenho profissional naquele colégio, “porque a universidade não ensina como a escola funciona na prática” ou que “as pessoas eram contratadas pelo currículo e dispensadas pelas atitudes”. Que era preciso ter “jogo de cintura”, não dar tanta importância para determinadas situações e que isso só se aprendia na prática.

Prática e Teoria eram separadas na escola. A teoria é entendida como algo que não resolve situações, e situações diversas e complexas são as do tipo único que acontecem nas escolas. E só sabe da prática quem estava há bastante tempo no chão da escola, jogando com a cintura nas mesmas situações que se repetiam inúmeras vezes.

É como se a dedicação dos que têm “jogo de cintura” fosse tamanha, e as situações fossem tantas, que não haveria tempo para estudar. Cada vez que repetimos “porque a universidade não ensina como a escola funciona na prática” seguimos afirmando que para ensinar não é preciso aprender. De muitas formas, agindo desse modo, invalidamos a nossa formação, engrossamos o coro dos alunos que dizem “Para que aprender isso? Eu não vou usar isso na minha vida”. E invisibilizamos quem tem 60 horas nas escolas para compor uma renda mensal que garanta uma vida digna, e que o tempo para estudar torna os sábados a única possibilidade para a formação continuada.

Ao separar a teoria da prática, separamos a aprendizagem, os saberes e as experiências humanas, as sociais, as coletivas que chamamos de vida, como se os muros da escola fizessem um corte na energia vital das crianças dos jovens e dos professores.

O ETARISMO ACADÊMICO

Quando fiz a entrevista para a seleção de mestrado eu tinha 52 anos, havia terminado a graduação em pedagogia há menos de dois meses, já havia feito a prova escrita na qual obtivera a melhor nota do programa de pós-graduação e submetido o currículo Lattes e o projeto de pesquisa.

Na entrevista, estavam duas professoras, uma mais jovem e uma mais velha que eu, e um professor também jovem. A professora mais jovem me recebeu sorrindo e fez eu me sentir à vontade ao entrar na sala que cheirava a café passado e bala de canela.

Sentei-me na cadeira que me foi oferecida na ponta da mesa comprida. A jovem professora fez várias perguntas pertinentes ao tema do projeto apresentado e à linha de pesquisa, sobre as minhas leituras e trajetória acadêmica até o momento.

A professora mais velha, com uma elegância severa, anotava minuciosamente o que eu dizia com uma caneta Crown dourada em uma agenda cheia de post-its coloridos. Olhava rapidamente, às vezes, por cima dos óculos quando ouvia alguma resposta que parecia agradar ou duvidar, e não se pronunciou em nenhum momento.

Havia entre as duas mulheres um laço invisível e forte de amizade e cumplicidade, cada uma delas sabia o que estava fazendo ali.

O jovem professor estava com os braços cruzados em cima da mesa, e apertava em uma das mãos uma bolinha de borracha azul, o que deixavam o seu bíceps malhado evidente no tecido da camisa polo branca. Ele parecia muito forte naquela posição e ficava olhando entediado a parede cheia de cartazes que estava na frente dele. Quando a jovem professora terminou, ele soltou a bolinha na mesa e disse que queria fazer algumas perguntas:

Por que eu queria fazer mestrado na idade em que eu estava?

Eu tentaria fazer doutorado depois? Para que?

As duas professoras se olharam rapidamente. Não entendi bem o que minha idade tinha a ver com a vontade de seguir estudando ou querer seguir uma carreira acadêmica. Ou se seguir estudando não é indicado para quem vai permanecer em sala de aula.

Respondi quais eram as minhas intenções em seguir estudando.

E o tranquilizei sobre mulheres mais velhas na universidade e na sala de aula, contando sobre o tempo que temos depois de passar grande parte da vida cuidando dos outros. Mas que pelo caminho fizemos muitas coisas, trabalhamos, estudamos, criamos filhos, cozinhamos, éramos professoras de educação infantil.

Disse ao jovem professor que estudar é também cuidar de si, é aprender sobre quem somos e como chegamos até aqui. Lembrei-lhe que algumas mulheres chegam mais tarde no Ensino Superior, muitas com a minha idade não tiveram a oportunidade de chegar, as cotas eram recentes para as pobres e negras, a elitização da educação para as mulheres com mais de 50 anos foi vivida com mais proximidade, mas isso ainda existia, e surpreendentemente ainda havia pessoas, dentro da Universidade considerando que esse era um lugar no qual não poderíamos estar.

Disse-lhe que talvez eu fosse parte de um grupo de mulheres mais velhas que começou a achar isso possível, mas que viriam outras, e mesmo assim, o perfil da Universidade se manteria por muitos anos ainda jovem, branco e masculino. Mas que enquanto isso as mulheres pardas e negras, mais velhas e pobres iriam aos poucos tomando os seus lugares, ao menos nas licenciaturas, por mais difíceis que fossem as condições de acesso e de dúvida que enfrentássemos por parte dos homens da universidade. Lembrei que Universidade Federal foi, por muito tempo, acessível apenas para

alguns, com os lugares marcados para uma elite jovem, masculina, branca e rica, mesmo sendo mantida com os impostos de todos.

Fui aprovada e quando terminei o mestrado ingressei no doutorado. A cada ano que passava eu ficava um tanto mais velha, e cada vez gostava mais de ler e estudar. As coisas que eu lia e pesquisava faziam parte de minhas práticas na escola e na universidade.

A prática e a teoria, a escrita e a leitura, as atividades acadêmicas e o “chão da escola” compõem a vida e o corpo da professora de forma indiscernível.

A stylized, light-colored line drawing of a plant with several leaves and a central stem, positioned on the left side of the page. The background consists of overlapping, semi-transparent shapes in shades of purple, brown, and orange.

9

**A ARTE
DA GUERRA**



E foi exatamente o “bom currículo” que apareceu como o primeiro entrave no colégio. Uma das mães que estava bastante aborrecida quanto à proibição dos sinalizadores e ao impedimento da permanência de alunos alcoolizados, na primeira oportunidade que teve, colocou o dedo na ponta do meu nariz e disse que “quem eu estava pensando que era, que só porque tinha um bom currículo achava que podia fazer isso com os alunos”. Isso aconteceu em público, no primeiro dia de aula de 2023, com vários professores e funcionários da escola como testemunhas, todas omissas, mas que estavam ali.

Naquela oportunidade, já deveria ser evidente para mim o modo, como os pais de uma escola privada se relacionavam com os profissionais técnicos-pedagógicos, mas, mesmo com os meus muitos anos de experiência nunca havia vivido algo assim.

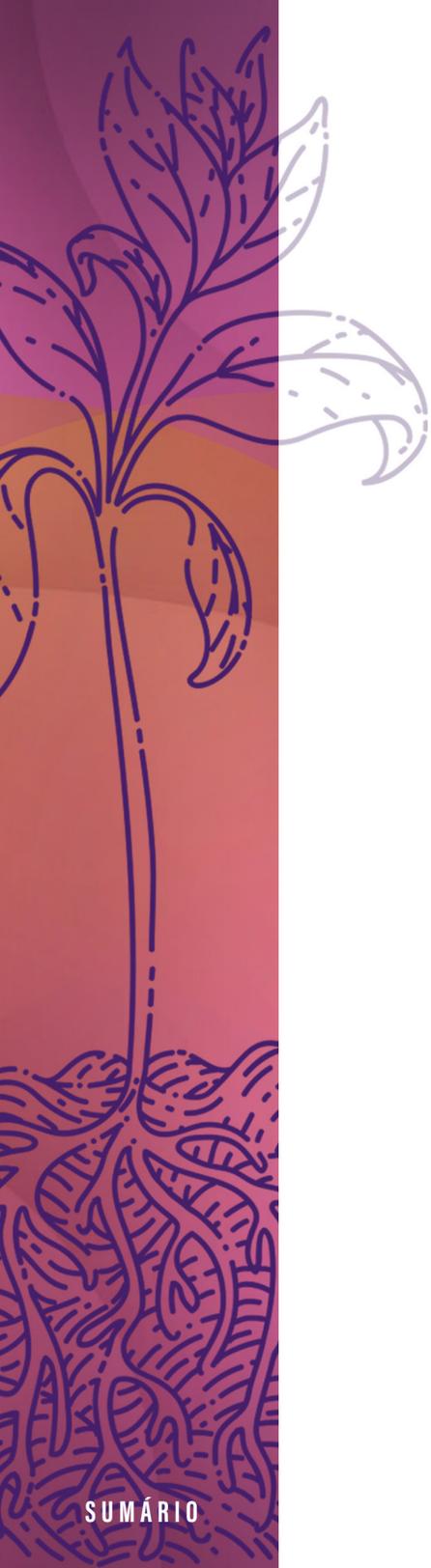
Superava qualquer história que eu soubesse, e sim, isso aconteceu muito antes da reunião na qual fui interrompida pelo homem.

Mas diferente do homem com o qual era preciso ter cuidado pois ele era um servidor federal, que havia conseguido a guarda total dos filhos e que não deixava a mãe chegar perto deles, quando é uma mulher que grita, ela não precisa ser temida, e nem é preciso ter cuidado com ela, “porque ela é louca”, “sempre arranja um barraco com quem trabalha aqui”, não dá nem para levar a sério de tão maluca que ela é”, como “ela é ativista dos direitos humanos, pensa que pode fazer o que quiser”, “se todo mundo que ela implica entrasse na justiça contra ela teria que abrir uma fila com senha numerada”, “depois ela vem com o “rabinho” no meio das pernas pedir desculpas para a direção.”

Para invalidar o que a pessoa que foi agredida estivesse sentindo, e a convencer que nada deve ser feito, quando o agressor é um homem ele é “perigoso”, quando é uma mulher, ela é “louca” e tem um rabinho.

Um é perigoso e a outra é louca, só nisso que diferenciam. O restante do protocolo é igual:

1. Sempre é importante lembrar a profissão dos agressores, o sobrenome, deixar claro que eles têm poder e dinheiro, que os enfrentar ou denunciar, poderia custar muito caro. Especialmente se a agredida não tem posses ou bens, ou não tenha um sobrenome validado.
2. É importante também contar uma ou duas agressões prévias que estas pessoas fizeram na escola com profissionais que tenham ou tiveram um cargo na hierarquia na gestão equivalente ao seu. E deixar absolutamente confirmado que elas deixaram por isso mesmo, consideraram que ser tratadas de forma desrespeitosa era algo menor e que não deveria ser problematizado perante outras questões que deveriam tomar a atenção da equipe.
3. Essa é a hora de jogar a cintura, movimento que as pessoas que têm “bom currículo” não conseguem. Então é importante deixar muito evidente que pessoas pouco flexíveis e que superestimam estes ocorridos não cabem na escola.
4. Um homem perigoso e uma mulher louca não podem ser levados a sério. Eles são, apenas, a materialidade que comprova que as duas instituições, família e escola partilham um mesmo espaço, mas não sem disputas.
5. Escola e família engendram uma parceria na escola privada, na qual todos sabem quem paga e quem recebe o que. Não é preciso confundir, é melhor que fique evidente. E, para que isso não seja esquecido e funcione corretamente, de quando em quando, é essencial desmoralizar ou demitir alguns trabalhadores da escola.
6. É salutar para ambas as instituições, a desmoralização dos profissionais da escola, especialmente quando as famílias



estão descontentes, humilhar ou destituir do cargo alguém que possa ser a personificação do que está errado, é a melhor e mais eficiente estratégia. Retroalimenta a máxima “estamos pagando o teu salário”, expressão que é repetida pelos filhos nas salas de aulas, para que ninguém esqueça, como se nada justificasse mais o empenho do dinheiro das mensalidades do que o poder de tirar o trabalho de alguém.

7. Por fim, crie a fantasia que o importante é o cuidado com o profissional. Retire-o dos compromissos, das agendas, da circulação, mostre que sua presença é facilmente substituída, dê um tempo para que ele esqueça e aprenda a ter mais jogo de cintura e flexibilidade. Se não conseguir obter êxito lembre-o que ele teve um tempo para isso, pressione-o de diferentes modos para que peça demissão e não gere ônus. Se nenhuma dessas estratégias resolver, demita-o. Ou sobrecarregue-o ainda mais.
8. Desconsidere a relação que o profissional estabelece com os alunos. Com os pares. Com a aprendizagem. Com a história da instituição.
9. Depois que o profissional sair é importante seguir desmoralizando-o. Se ele saiu por conta própria é covarde, não aguentou o tranco tão peculiar do colégio. Se foi demitido é incompetente.
10. Volte ao início e recomece, esse protocolo se retroalimenta sistematicamente.



RECREIO

Quarta-feira, final de tarde, fevereiro tórrido de 2025, na rua vazia, debaixo da chuva que evaporava quando tocava no asfalto, um carro de som anuncia as vagas remanescentes do curso de Graduação em Pedagogia, por meio de um processo seletivo simplificado com as notas do Ensino Médio.

“Quarenta vagas para o curso de Pedagogia na Unidade da Universidade Estadual, gratuita e de qualidade, não precisa da nota do ENEM”

“Não perca a oportunidade de fazer curso superior”

Minha madrinha dizia que “toda mulher deveria fazer magistério, que com o que aprendesse no curso, se não quisesse ser professora seria com certeza uma boa mãe. E, se quisesse trabalhar fora, para ter uns trocados para contribuir em casa ou comprar AVON, teria ao menos um turno livre para cuidar da família”.

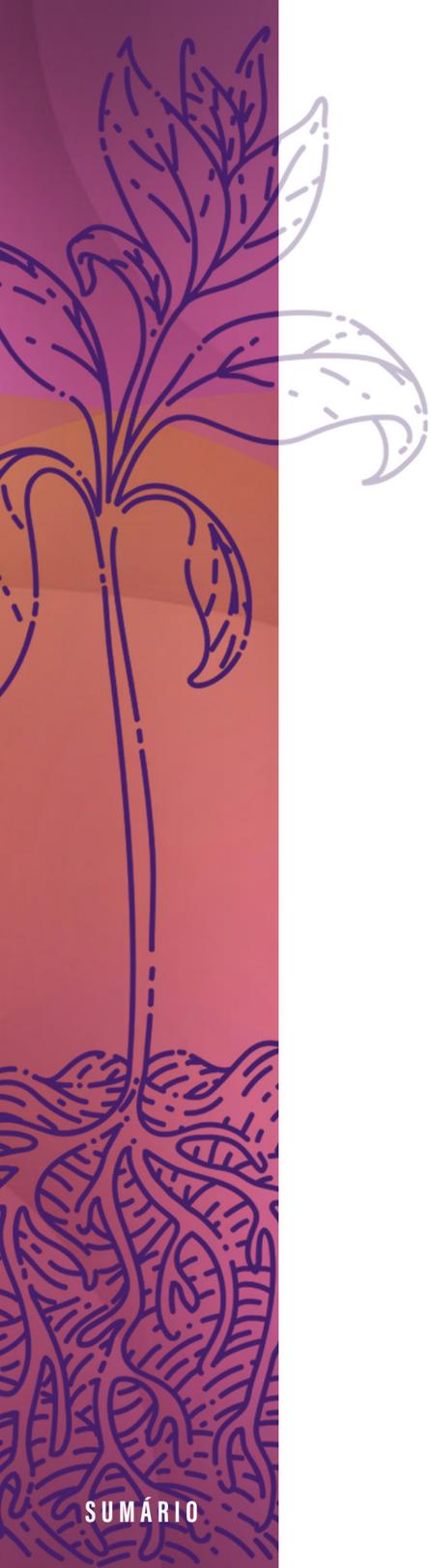
Uma equação perfeita: Aprender para ser boa Mãe, se trabalhar fora ter um tempo para cuidar da Casa e da Família. Ser professora confere à mulher uma medalha de “vocação natural” para o cuidado e a maternidade.

Eu tinha dezesseis anos, naquele tempo, só o curso de magistério já garantia que fôssemos professoras da educação infantil e do primeiro ao quinto ano. A universidade era um sonho distante, ou uma impossibilidade para alguém “tão distraída” e “agitada”.

A stylized, light-colored line drawing of a plant with several leaves and a central stem, positioned on the left side of the page. The background consists of overlapping, semi-transparent shapes in shades of purple, brown, and orange, creating a layered, abstract effect.

10

MAGISTÉRIO



No sábado, depois que Ellen foi embora, eu continuava cansada, liguei a televisão para desligar o cérebro. Fiquei na frente da tela assistindo aos episódios de uma série, que sequer lembro-me do nome ou do enredo, um após o outro, eventualmente a plataforma de *streaming* perguntava se ainda havia alguém assistindo. E eu apenas apertava a tecla *enter*. Eu não era mais alguém, apenas assistia.

Comi mais um pouco de abacate.

Rodrigo, meu parceiro de vida há mais de quatro décadas, ligou avisando que chegava no dia seguinte. Eu não havia contado nada para ele sobre a reunião de quinta-feira. As condições para descer a serra ainda estavam inseguras, muitas estradas com desmoronamentos, interrompidas ou em obras. Para evitar o corredor humanitário ele desceria por Santo Antônio da Patrulha, Capivari do Sul e pegaria a RS 040.

Antes de desligar, ele me disse para eu lembrar da professora que eu sempre fui. Para eu lembrar da professora que ele conheceu quando eu cursava o magistério, uma mulher mutante.

Desliguei o telefone tentando lembrar como eu havia me tornado professora.

No meu caso, Professora é uma definição provisória, sempre. Em meu fazer-se professora, eu ensino, mas aprendo ainda mais. A rede de relações que a Professora estabelece com o mundo vai criando capilaridade no tecido sensível de minha pele e na minha vida.

Como o desejo de ser professora me liga, conecta, conjuga, compõe, combina, em processamento ininterrupto de mutação para a prática de uma educação potencializadora das capacidades criativas?

Para ensinar e aprender é preciso que eu seja afetada pelas coisas desse mundo, fazer e ser parte dele.

Colocar a mão na massa, o pé na estrada, o corpo todo em jogo contra a sujeição das verdades estabelecidas.

Quando eu comecei?

Ou, talvez, não tenha começado, fui me tornando professora desde que entrei em movimento, estou professora desde sempre me tornando isso que eu sou. E isso não é linear ou cronológico.

Mas por certo, teve uma data, na qual eu percebi que já estava em estado de professora.

Desliguei a TV, deixei a playlist Entrada para Raros tocando baixinho, deitei novamente para tentar fazer meu corpo parar de sentir que a vida não cabia mais nele. Talvez as memórias me ajudassem.

UM BONDE PARA A MENINA DISTRAÍDA

Era 1979, eu tinha 17 anos, e já havia sido reprovada duas vezes no 1º ano do segmento então designado como 2º grau. Isso foi suficiente para convencer os meus pais que talvez fosse melhor eu cursar o magistério, cumprindo a sina da minha madrinha.

O magistério era mais “fácil” não tinha química, física ou biologia, matérias que eu não conseguia aprender. E eu precisaria cursar apenas dois anos de magistério. Não me atrasando tanto em minha escolarização em relação às pessoas da minha idade, às filhas dos amigos ou primas.

Talvez as professoras dos 2º, 3º, anos e da 7ª série tivessem razão, eu era desatenta e agitada, precisei de aulas particulares de matemática quando cursava essas séries.

Durante o 1º grau, as professoras sempre me escolhiam para ser a ajudante da turma, para que elas pudessem solicitar que eu

saísse e fosse na secretaria, no audiovisual, e assim pudesse “esticar as pernas inquietas” e a sala ficar mais tranquila.

Enquanto estive na escola pública, tinha um vagão de bonde de metal pintado de amarelo no fundo do pátio. O bonde era onde aconteciam as aulas de Artes. Na minha cabeça que funcionava sem parar, e que me distraía de forma recorrente, o bonde era como um reino, cuja rainha era a professora de Artes, a “tia Edilane”, que geralmente usava uma túnica azul com bolsos grandes e amarelos, uma pantalone jeans e uns tamancos floridos de salto de madeira. As flores do tamanco haviam sido aplicadas por ela e combinavam com as flores aplicadas em seu chapéu de palha e com as pintadas na sua bolsa de pano.

Eu ficava grande parte do turno de aula dentro no bonde. Fazia flores de papel crepom, desenhava, colava, pintava, conversava muito com Edilane, que me dizia que cada material que tinha ali, mesmo que fosse uma sobra de papel, um fiapo de lã colorido, um resto de tecido, poderia ser transformado em uma “lindeza” no mundo. Que poderia ser através da mão de uma criança, jovem, ou adulto, mas que aquilo seria transformado em algo diferente, que era para isso que servia a arte. Para tornar a vida mais bonita, compreensível, ou para lidar com o improvável, com o que há de ruim e tenebroso. Ela mostrava então a pintura Guernica, de Pablo Picasso que retratava o bombardeio da cidade no País Basco, durante a Guerra Civil Espanhola ou, os Retirantes de Cândido Portinari, que retratava a migração nordestina.

Na escola privada quando eu saía da aula, aproveitava a ocasião e sempre conversava com alguém, tinha sorte de contar com a paciência e o cuidado dos mais queridos profissionais da escola, os jardineiros, as “tias da cantina”, o pessoal do mimeógrafo, a “tia da limpeza”, todos sempre respondiam às perguntas sobre o que faziam naquele momento, aprendia com eles coisas importantes sobre as plantas, os temperos, sobre a firmeza e não a força

que era necessária para fazer as matrizes roxas e azuis para serem utilizadas no mimeógrafo, sobre o cheiro dos materiais de limpeza, e sobre como tratar as pessoas com atenção e respeito.

Uma criança agitada e distraída era melhor acolhida em espaços fora da sala. A aula era para os comportados, os que conseguiam ficar parados, para os que prestavam atenção.

“TIA” ENI

Mas no 2º grau eu não era mais agitada, passei a ser apenas desatenta. Me parecia impossível ficar copiando textos imensos que já estavam escritos em algum livro, pensava que seria melhor ler os textos dos livros e escrever depois os próprios textos, contando o que entendíamos do que havíamos lido, “tirava” boas notas em redação, história e geografia, nas demais fracassava. A minha energia e as pernas que eu precisava esticar no 1º grau, eu as utilizava agora no trabalho. Fazia dois anos que eu trabalhava como ajudante de Jardim B, na mesma escola na qual estudava, num acerto entre o meu pai e a direção. Desse modo eu recebia meia bolsa, e não ficava tão caro manter uma filha repete na escola particular.

De tarde, eu era ajudante da “Tia” Eni no Jardim B, levava as crianças para o pátio, para o lanche, para o banheiro, ficava com eles depois que a “Tia” ia embora e os pais não haviam chegado.

As crianças usavam um guarda-pó xadrez, rosa para as meninas e azul para os meninos. Faziam fila para entrar e sair da sala, para beber água e lavar as mãos, as filas eram acompanhadas por músicas que anunciavam cada atividade. Levavam o lanche

nas merendeiras de plástico duro, pão, bolachas, suco na garrafinha também de plástico, uma fruta, a toalhinha de mão e o guardanapo de tecido para a mesa.

Pintavam os desenhos referentes às datas comemorativas, nas folhas que saiam com cheiro de álcool do mimeógrafo. Todos os anos os mesmos desenhos. Faziam com lã ou bolinhas de papel crepom o contorno das letras do alfabeto e do nome.

Se errassem ganhavam uma nova folha para tentar não sair da linha na próxima tentativa.

Depois os “trabalhinhos” iam para o expositor da sala, uma ripa de madeira com o nome de cada criança escrito em letra bastão em um pedaço de cartolina ao lado de um ganchinho de metal, onde eram colocadas as folhas, acima da altura das crianças para que elas não estragassem. Quando soprava um vento pela janela, os “trabalhinhos” balançavam de modo sincronizado, todos iguais como se tivessem sido todos feitas pela mesma mão. Era a anunciação do milagre da reprodução infinita de um único modelo.

Os brinquedos e os livros eram acessíveis, mas as crianças só podiam mexer neles quando autorizadas, os materiais para pintura, desenho, colagem eram individuais, ficavam em caixas de sapato que eram entregues na escola, depois de serem forradas com papel camurça, identificadas e decoradas pelas mães.

A entrega da caixa era uma espécie de concurso de habilidades manuais. Antes do primeiro dia de aula, havia uma entrevista individual com cada mãe, na qual a professora fazia uma anamnese, um termo médico usado na escola para designar o histórico de saúde, hábitos, relações familiares, desenvolvimento e aprendizagens da criança,

Enquanto as mães respondiam à anamnese, eu recebia e guardava os materiais individuais e coletivos. Enquanto aguardavam

a entrevista, as mães conversavam entre elas sobre os materiais que haviam utilizado para tal fim, estrelinhas brilhantes, pedaços de tecido também brilhante, gregas bordadas com acabamento em dourado. Como a caixa ficava visível na sala, havia um capricho em conseguir fazer com que a caixa de seus filhos se destaca-se.

Nas datas especiais e no final do ano, um fotógrafo vinha para registrar os momentos da turma. No zoológico, no pátio, na igreja, na sala de aula, a foto era sempre igual, o cenário mudava, as crianças cresciam, mudavam o corte de cabelo, mas estavam sempre perfilados por ordem de tamanho, os meninos atrás e as meninas com suas tranças perfeitas na frente, as mais gordinhas ficavam mais para os cantos, eu do lado esquerdo e a professora no centro.

Quando eram fotografadas sentadas nas mesas quadradas, nas quais cabiam quatro crianças, era solicitado para ficarem olhando atentos para a folha do trabalhinho e fazer como se estivessem pintando com o lápis colorido. O movimento dos corpos, a contemplação, a organização dos brinquedos no modo como as crianças os dispunham e brincavam, ainda não eram registrados na educação infantil. Os registros eram de corpos contidos, limpos, penteados, adestrados.

Mas a hora mágica era a da “rodinha”, todos falavam, contavam as novidades, repetiam as novidades de ontem, a “Tia” Eni contava histórias e imitava os sons dos animais, fazia voz de bruxa e de fada, e acompanhava os personagens com expressões faciais, as crianças ficavam encantadas e repetiam as palavras e as expressões. Mas, mais do que as histórias, as parlendas eram apreciadas com entusiasmo. Elas eram acompanhadas de movimentos, pulos, rodas.

Antes de entrar no magistério eu comecei a me constituir como professora também com a “Tia” Eni, que cumpria a sua função de “Tia” de forma exemplar, sempre havia uma lista de espera para a turma dela. Com ela as crianças saíam praticamente lendo do Jardim

B, sabiam colorir dentro dos limites do desenho, faziam continhas simples utilizando o que havia de mais moderno, que se tratava do material dourado, e se mantinham limpas e asseadas, uma série de critérios que eram importantíssimos para as famílias e para a escola.

Eu passei a entender que, quando ela fazia uma criança refazer um “trabalhinho” que não houvesse ficado igual aos demais, era para evitar que tivessem as comparações na hora que as mães viessem buscar os seus filhos e vissem as folhas expostas.

Não queria que nenhuma mãe pensasse que ela era incompetente ou desleixada com os “trabalhinhos”, ou que alguma saísse vexada ou triste com seu filho. Mesmo que isso custasse o horário de pátio para a criança e o intervalo dela, pois ficavam os dois refazendo o desenho, a pintura ou a colagem.

E, também, não importava se isso custasse, como ocorria no retorno do pátio, a cantoria dos colegas em volta da criança que ficou na sala: “o fulano ficou de novo, ficou de novo”.

A equação matemática perfeita do magistério que a minha madrinha havia me ensinado, passou a ganhar além do primeiro membro que era a mulher, o segundo membro que era a professora, tinha também uma incógnita que era a TIA, que deixava o sinal de igualdade sobre tensão e dúvida.

A “tia” transformava a professora em “quase” parte da família, não era tão próxima, como a empregada doméstica que dormia no emprego em troca de comida e casa, mas não era suficientemente distante que pudesse ser vista como uma profissional que havia estudado e que não precisava dormir na casa de ninguém.

A “tia” era legal, querida, prestativa, bem-comportada, deixava as vaidades, as preocupações e interesses familiares e da escola se sobreporem a qualquer possibilidade de subverter a ordem das coisas, como por exemplo deixar que os “trabalhinhos” fossem

feitos cada qual, dentro das condições de cada criança. E que a partir daí, pudéssemos lidar com isso, com a frustração, com a aceitação, com a abordagem dada ao que era feito pelas ou para as crianças.

Mas era na hora da rodinha que a equação perfeita do Magistério era solucionada pela Eni, ela parecia saber que aquilo tudo se resumia em uma manipulação aritmética, na qual a igualdade repleta de operações a serem feitas pela professora e pela mulher não determinariam o valor da incógnita da equação, a “tia” poderia ser suprimida durante a rodinha. Porque a “tia” era a porção menor, a forma mais adocicada de redução das professoras da Educação Infantil.

Sabendo de suas funções de tia jardineira, atenta e cuidadora, Eni subvertia as regras trazendo uma alegria para o momento da rodinha, quando cada um pegava a sua almofada e nos sentávamos em torno dela fazendo um círculo. Nesse momento ela imprimia uma leveza no seu fazer docente proveniente de uma mulher e de uma professora desamarrada das vaidades e das preocupações das famílias e da escola. Ria, cantava, fazia imitações, chegava a gargalhar com as crianças.

Por sua vez, as crianças aprendiam rapidamente as falas dos personagens das histórias que ela contava, criavam e encenavam no meio da roda as partes que mais apreciavam, inventavam sequências diferentes para as parlendas. Se alguém os visse naquela hora pensariam que diabos Eni estaria fazendo ali, só brincando com as crianças.

Era possível ver em seus corpos que saltitavam, dançavam e gargalhavam o prazer de fazer parte daquilo, do ritual de escuta e de fala, de cantoria e risadas. Aquele momento era como um segredo, era quando a servil, subserviente e eficiente Tia se distraía, e a mulher professora vivenciava a situação.

Não sabia se era por acaso, mas quando dava por encerrada a rodinha, Eni dizia para todos chavearem a boquinha e guardarem a

chave em uma caixa imaginária que era colocada no bolso do avental xadrez, para depois seguirem em silêncio até as suas cadeiras e descansarem as suas “cabecinhas em cima das mãozinhas cruzadas”. O segredo passava a ser um sagrado.

Talvez com medo de alguma palavra que pudesse ser dita pelas boquinhas das crianças e que a denunciasse para a sua porção “Tia”, sempre tão fiel, íntima, contida e regulada pelas mães.

Eu tinha 17 anos, não entendia a matemática do 2º grau, tinha muita dificuldade para aprender as regras aritméticas, quando solucionava algum problema utilizava um raciocínio que depois precisava explicar para os professores, para que eles tivessem certeza de que eu não havia copiado e entendessem de onde tirei o resultado.

Mas aqueles momentos da rodinha com a professora Eni era o que eu considerava o que poderia haver de mais interessante e afetivo como resultado da equação do Magistério.

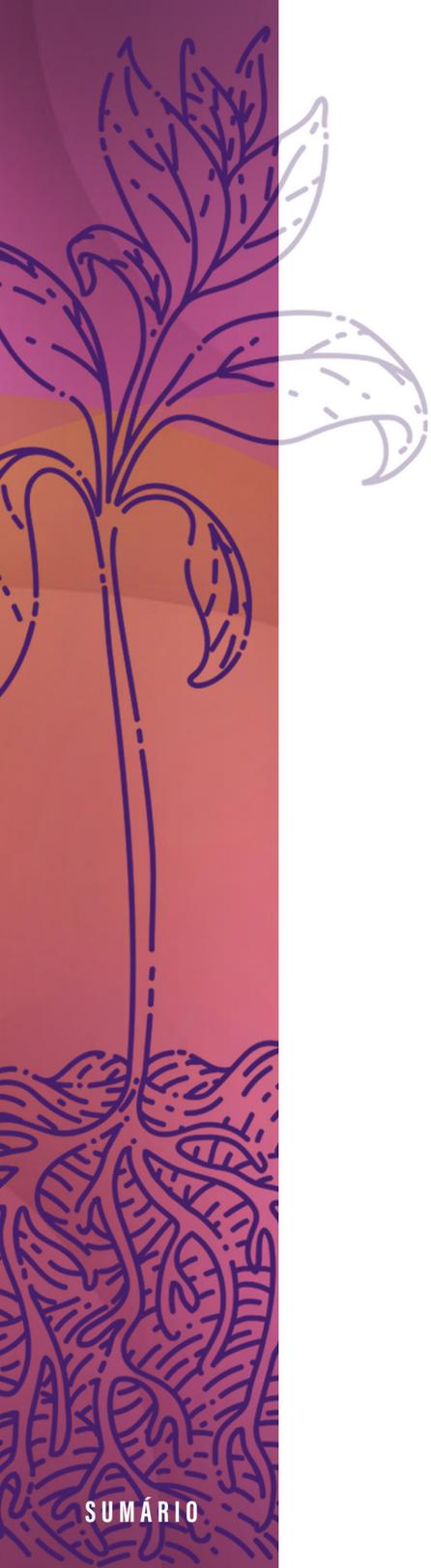
Ainda não conhecia aqueles pensadores que me foram e ainda são caros e essenciais para a minha constituição docente, Piaget, Vigotsky, Paulo Freire, Madalena Freire, Emi Pikler, Anísio Teixeira, Maria Montessori, Célestin Freinet, Janusz Korczak, e que foram se reunindo com outros tantos ao longo dos anos.

Talvez Eni também não os conhecesse, organizasse as suas aulas instintivamente, ou seguindo um modelo que garantia aceitação, mas havia uma professora em Eni, no mesmo corpo no qual uma “tia” foi imposta, goela abaixo, mas de forma familiar, sem truculência.

A stylized, light-colored line drawing of a plant with several leaves and a small flower-like structure at the top, positioned on the left side of the page. The background consists of overlapping, semi-transparent shapes in shades of purple, brown, and orange, creating a layered, abstract effect.

11

DOMINGO



Tomei um chá de camomila com capim-cidró e um comprimido fitoterápico para ansiedade, apesar de ter dormido mais de 24 horas seguidas ainda estava cansada, queria ficar em posição fetal, me encolhi abraçada em uma almofada, adormeci, no sonho eu era uma criança de avental xadrez, acordei ouvindo a voz da tia Eni:

Hoje é domingo... pé de cachimbo.

Sim, era domingo. Acordei com uma centelha de animação, Rodrigo chegaria a qualquer momento, pensei em arrumar a casa, fazer um almoço, em contar para ele o que havia acontecido na quinta-feira, e da certeza de minha demissão iminente, fazer a lista do super, olhar o que estava passando no cinema, me preparar para a segunda-feira, verificar o número de inscritos na Oficina de Hábitos de Estudos, ligar para Zélia, a professora que havia perdido sua casa na inundação e ver como ela estava, revisar as provas da semana, para que elas ocorressem com tranquilidade mesmo que eu não estivesse mais lá, organizar as roupas das netas que ficaram esquecidas no dia em que elas estiveram aqui, responder os e-mails pessoais, ler um artigo sobre o Novo Ensino Médio, fazer a marmita com grão de bico, tomate, pepino, revisar as reuniões da semana, caso acontecessem, depilar as pernas, recolher as roupas que estavam no sol há três dias, olhar a programação cultural da cidade, revisar a prova de geografia do 2º ano, arrumar a gaveta dos materiais para o curso de escritas na inclusão, caminhar no parque, fazer uma vídeo chamada com os filhos que moram longe, ler mais um capítulo da bell hooks, terminar de escrever um texto para a revista Qualis A, limpar o tapete do banheiro, fazer uma *skin care*, ouvir o *podcast* "Na fogueira sobre as chamas da Inquisição e do Cerrado" na Rádio Novelo, plantar a muda de pimenteira que estava morrendo em cima da pia da cozinha, será que vai dar tempo de fazer um bolo?

Pensei sobre o que precisava fazer ainda deitada na cama, e fiquei exausta só de pensar nas coisas do cotidiano que antes eram tranquilas e prazerosas para mim, e que agora pareciam uma carga pesada e exaustiva, e das quais eu não daria conta.

Tudo parecia uma farsa, o trabalho especialmente, e a vida ultimamente.

Meus dias antes tinham mais horas, e eu fazia muitas coisas, coisas que eu fazia para dar conta de mais tantas outras coisas, porque sempre quis ser necessária e útil, ou algo que eu talvez não admitisse porque é insuportável, que era ser importante. Talvez eu quisesse ser aceita. Ou quisesse caber nos lugares nos quais eu estava.

Ou eu não soubesse dizer não.

Agora meus dias não têm horas suficientes para eu dormir e curar todo esse cansaço que a importância, a busca pela aceitação, e a anulação causam no corpo da professora.

Talvez não fosse isso tudo que já parece tanto.

Talvez fosse o que faltava: o respeito, a compreensão, a alegria. Não poderia haver a escola e, portanto, não poderia haver a Professora, se não fizesse parte dela também a alegria. E o respeito.

Quando que a alegria deixou de fazer parte?

GREVE

Quando comecei o curso de magistério muitas coisas contribuíram para que a minha atenção e comprometimento com as minhas aprendizagens melhorassem. As matérias, os conteúdos, os formatos das aulas, os trabalhos que exigiam pesquisa e a produção de materiais concretos que seriam utilizados depois com as crianças em nossos estágios.



As aulas de filosofia e sociologia. As aulas de educação física sem os meninos, sem as comparações entre os corpos. As aulas de teatro, nas quais montamos a peça “Os Saltimbancos” na adaptação de Chico Buarque, e com ela fomos em vários bairros e vilas da cidade para apresentar nas escolas públicas. Eu era a gata, que “já havia nascido pobre, porém já havia nascido livre”.

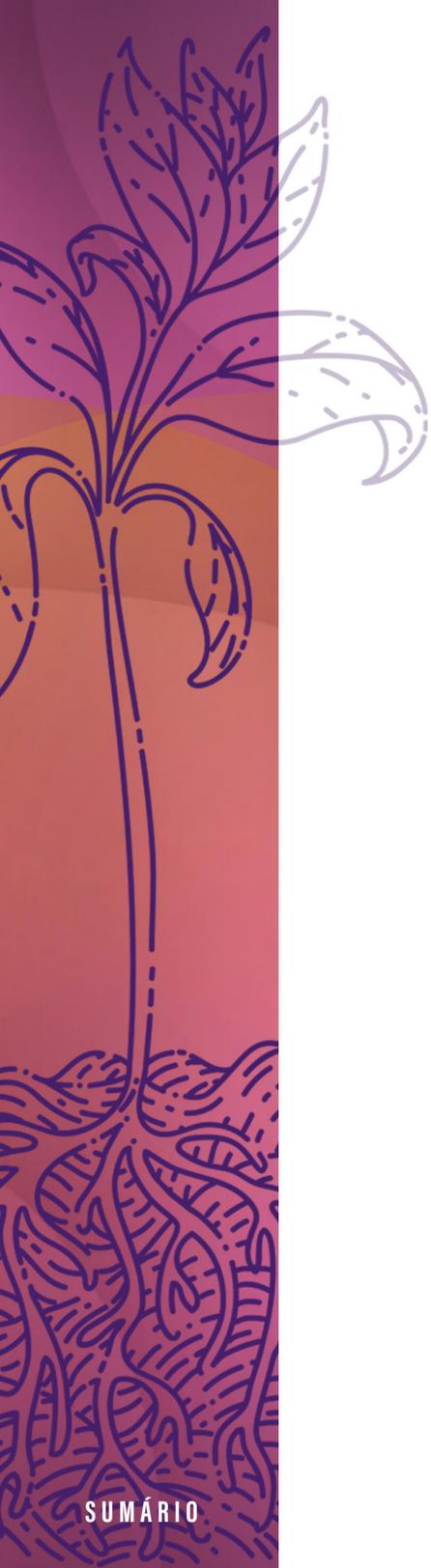
Como o colégio ficava no centro da cidade, havia também os deslocamentos de ônibus, de Garelli na carona do Rodrigo, os almoços na lanchonete da esquina da Duque de Caxias nos dias em que tínhamos aula de manhã e de tarde. Mudanças significativas para quem frequentara antes colégios no bairro Higienópolis onde residia.

O magistério era e, ainda, é um curso predominantemente frequentado por mulheres, e isso fazia tudo parecer tão mais interessante que o 2º grau, além de eu ser, também, uma aluna mais madura. Ainda estava estudando em uma escola particular, porém estudar no centro da cidade rompia com uma bolha de proteção e ignorância.

Começando pelo jeito que chegávamos na escola, não mais no carro do pai, ou pelas ruas do bairro que eram varridas e lavadas diariamente pelas empregadas. Agora era de ônibus junto com as pessoas que trabalhavam, em ruas que não eram tão limpas, e muito mais movimentadas.

A parada final do ônibus era na praça Dom Feliciano, em frente à Santa Casa de Misericórdia, era possível ver as ambulâncias que chegavam cedo com os pacientes que não tinham atendimento no interior do Estado. Chegar e viver no centro, uma parte do dia, era um banho de vida real para a jovem que vivia a vida vigiada e controlada do bairro.

A cidade ganhava outros pontos de referência, o Rio Guaíba, o Largo da Prefeitura, A Redenção, lugares que eu já havia passado, inúmeras vezes, mas que ganhavam novos contornos em função do modo como passei a viver e a frequentar os espaços públicos.



Estudar no centro fazia com que a rua, os espaços públicos fossem parte da vida de estudante, e não algo a ser temido e evitado. Os lugares ofereciam alguns riscos, mas não era o tempo todo, e saber usar o espaço público era uma habilidade necessária, para isso era preciso estar atenta, saber reconhecer alguns sinais da rua, que só conhecemos se a ocupamos. E eu ganhava um novo vocabulário, no qual palavras como Movimentos Sociais, Lei da Anistia, Greve do Magistério e dos Bancários, Sindicato, Reforma Partidária, Repatriamento dos Exilados Políticos, começaram a fazer parte de uma nova língua em minha vida.

A rua era fonte de aprendizagem também, lugar de conhecer e conviver com as pessoas.

Lembro-me da emoção que senti, no meio da tarde do dia 9 de abril de 1979. Estávamos eu e as colegas na frente do colégio conversando, a aula já havia acabado, mas tínhamos muitas coisas para pôr em dia sobre o final de semana.

Quando vimos passar em direção ao Auditório Araújo Viana, um grupo enorme de professoras e professores do magistério público estadual, que se deslocavam gritando GREVE e UNIÃO. Ver aquelas mulheres e homens gritando por seus salários, pelos seus direitos, combativos e organizados foi uma aula sobre coragem, foi uma aula para nós, e para eles a recuperação de uma força que fora silenciada, eles gritavam para lembrar que ainda tinham voz.

E para nós foi uma aula para aprender que só se rompe com a opressão, com a limitação dos direitos civis, se soubermos usar a nossa voz coletiva. No meio da rua as professoras e os professores ensinavam sobre mobilização. Naquela noite enquanto ouvia a Rádio Continental no meu radinho de pilha AM/FM, foi anunciada a continuação da greve que havia sido votada de forma maciça pela categoria.

A palavra Magistério, ganhou novos sentidos, as professoras e os professores eram atores sociais em um cenário político que se

reorganizava, eram os corpos potentes que juntos reivindicavam condições mais justas de trabalho e de salários mais dignos. Me enchi de orgulho pelo magistério, era a sina da madrinha, a escolha da afilhada.

COMETA

Lembrar da greve do magistério público me ajudou a resgatar as memórias sobre o corpo político de professoras de escola privada, que já foi sindicalizado, e também já fez greve.

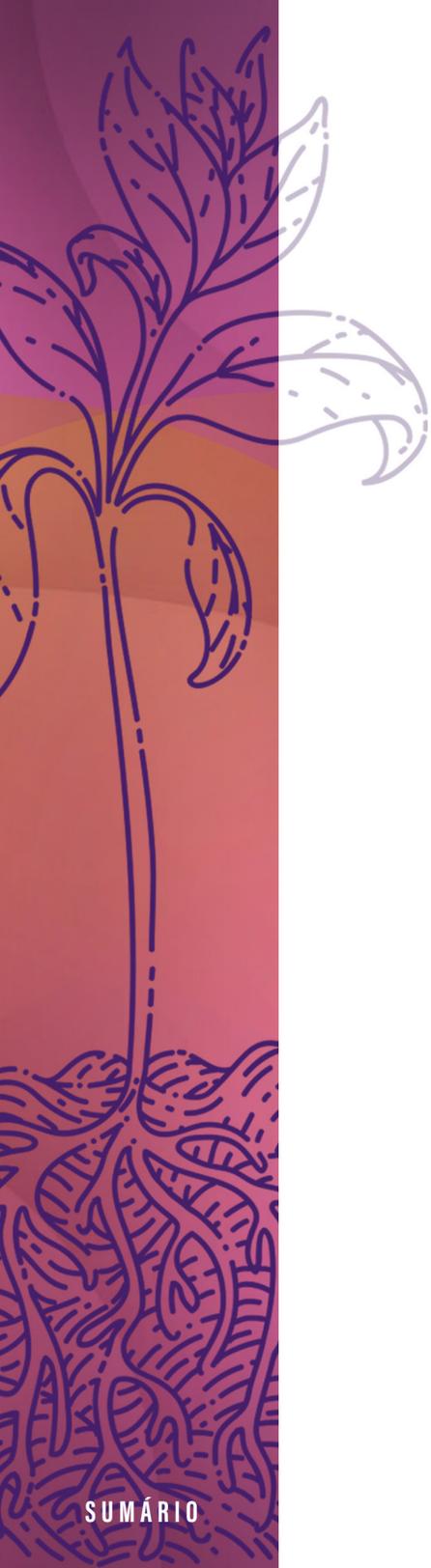
Era junho de 1989, o meu terceiro filho havia nascido em março, eu estava usufruindo a licença maternidade que iria emendar com o recesso de julho.

Em meio as mamadas, fraldas e cuidados com as irmãs mais velhas, me desliguei completamente do mundo fora de casa. Minha capacidade física ficava ampliada para dar conta das demandas dos filhos e o meu cérebro funcionava unicamente envolvido nas existências deles.

A maternidade tem disso, no pouco tempo que temos para ficar com os filhos recém-nascidos, eu ficava totalmente focada nos cuidados e na construção do afeto minucioso e amoroso da relação mãe e bebê. Mãe e bebê, as irmãs e a casa.

O corpo da professora também dá à luz. E se multiplica.

Passeando com os meus filhos no parque da Redenção para pegar um sol de outono, encontrei Eleonora, amiga de longa data e que era professora de educação física em colégio privado. Sentamos em um banco na pracinha da José Bonifácio para colocar as conversas em dia.



Eleonora sempre animada e falante, com seus cabelos vermelhos contrastando com seus olhos azuis, era uma figura vívida, impossível de não prestar atenção, sentamos eu e ela e as minhas filhas que queriam também compartilhar daquela presença colorida e falante. Enquanto ela embalava o meu filho, contou em detalhes o que acontecia com o magistério privado, de forma inédita e única. Em março, o sindicato dos professores fez uma grande chamada pra todas as escolas aderirem a uma greve de reposição salarial, o valor das horas-aula estava muito baixo.

O sindicato dividiu a cidade em setores por áreas geográficas e todas as escolas de um determinado setor se reuniam num local chave: um clube, uma associação comunitária, um salão de igreja. A orientação era que os professores cumprissem a carga horária nesses locais e assinassem o ponto, eles se organizavam em formato de grupos de estudo, reunidos por área. Os professores discutiam as diretrizes da sua área, ou então acontecia uma grande reunião temática, comum a todos.

Cada escola tinha um professor que a representava em um grupo maior. E tinha os professores “tipo ela”, que iam cumprir seu horário e estudar junto com os colegas, e estudavam muito, como nunca antes nos horários de formação disponibilizados no colégio.

A greve durou mais de um mês, e no retorno, a maioria das professoras grevistas de todas as escolas foram demitidas. E o que aconteceu foi que não havia mais professoras pra suprir toda a demanda criada pelas demissões, era muita gente saindo quase no fim do primeiro trimestre, então houve um troca-troca, professoras de uma escola foram parar noutra por conta das novas admissões necessárias, as escolas precisavam de professoras.

Então demitiram as suas grevistas e admitiram as grevistas de outras instituições. As professoras demitidas recebiam todo o dinheiro relativo ao período de greve, isso fazia parte do acordo com

o sindicato. Para Eleonora isso foi ótimo, aumentou a carga horária, o valor da hora aula da nova escola era muito melhor, e para ela todo o magistério privado se beneficiou.

Não receberam tudo que pediram, mas receberam uma boa parte dos direitos pelos quais haviam lutado. Para Eleonora, além da "organização sensacional e de um grande engajamento da categoria", o movimento fez com que ela se sentisse muito grata por ter vivido aquilo, um inédito viável que deixou exposta uma força de luta inesperada para o magistério da rede privada.

O corpo de professora que trabalha nas redes estaduais, municipais e privadas, se rebela e luta com mais frequência e força na rede pública.

Na rede privada se aquieta e aceita.

Mas algumas vezes o corpo da Professora da rede privada, é como um cometa, agregando grandes corpos feitos de poeira, pedras e gelo, de partes da formação do nosso Sistema Educacional. Conforme o corpo se aproxima do Sol, o gelo e a poeira começam a vaporizar, atingindo o estado gasoso e formando a cauda do cometa.

Acontece a cada 100 anos, mas é radiante, incrível, veloz e de uma força desconhecida.

PARA NÃO ESQUECER

Estas lembranças traziam elementos que foram essenciais na minha constituição docente, humana e feminina. Tudo em mim acontecia com muita intensidade, e encantamento pela vida. Talvez por que vivi uma vida inteira intensamente encantada que eu estivesse agora tão cansada. Ou, fosse a intensidade do meu encantamento que me fez resistir até aqui.

Permaneci deitada até que o domingo começasse a ter os aromas e os sons que antecedem os churrascos e os jogos de futebol.

Rodrigo chegou contando animado sobre as quatro horas de viagem, abriu as janelas, falou sobre o estado das estradas, recolheu a roupa e lavou as colheres com as quais eu havia comido o abacate gelado e doce nos últimos dias, falou sobre a entrada da cidade, me abraçou, contou sobre como a cidade do interior estava, fez sentir-me em meu corpo.

Saímos de casa para almoçar e dar uma volta. Paramos em um café no final da tarde, contei o que aconteceu na quinta-feira e que mesmo sabendo o que me aguardava, na segunda-feira, eu estava com medo. Era um medo físico, e me fazia paralisar, há muito tempo.

Era a primeira vez que mastigava um alimento desde quinta.



12

**APITO DE
CACHORRO**



Desde janeiro de 2023 eu morava em um condomínio popular, com milhares de habitantes distribuídos em seus mais de cinquenta prédios. Uma parte significativa dos alunos bolsistas da escola moravam ali. Era uma comunidade acolhedora, com muitas pessoas utilizando o espaço comum de forma tranquila e coletiva.

Rodrigo permaneceu morando na cidade do interior, na pequena casa alugada, não só porque lá a temperatura era suportável, ou porque era no meio do mato, mas também por acharmos que era saudável manter o refúgio no qual moramos nos últimos anos. Além disso, as últimas profissionais que desempenharam função de coordenadora do ensino médio, não duraram mais de dois anos na escola. A rotatividade no cargo foi um sinal indicativo para ficarmos atentos antes de decidir se habitaríamos na capital.

Mesmo morando tão perto do colégio, eu acordava cedo. Logo que me mudei para o apartamento, acordava cedo para aproveitar o café, revisar com calma a agenda do dia, ouvir música, sair pela rua e fazer o trajeto podendo cumprimentar as pessoas conhecidas, observar o movimento. Sempre residi próxima dos lugares nos quais trabalhei em Porto Alegre, não gostava de perder tempo no trânsito. Assim, também aprendia como a escola ou a empresa conviviam com o seu entorno.

Nos últimos meses, algo mudou. Comecei a acordar antes do horário e a ficar mais tempo na cama, levantando muito próximo da hora de sair. Ou levantava e me envolvia com alguma atividade que não fazia parte da rotina e acabava me atrasando.

Percebi que estava modificando um hábito antigo, que me trazia ânimo e conforto, e estava incorporando um outro que me distraía e me angustiava, percebi que estava com medo de sair de casa.

A QUEDA

Começou em outubro de 2023, em um dos dias que acordei cedo, me arrumei, tomei tranquila o café, revisei a agenda e ouvi música. Atenderia uma mãe às 7h45min.

Saí com calma às 6h55min, conversei com a vizinha que passeava com o cachorro na parte interna do condomínio, atravessei o portão principal e ganhei a calçada com o sol na inclinação mais bonita da manhã, passei a banca de revista, a parada de ônibus, mais alguns passos e tropecei, caí protegendo a cabeça com a mão direita.

Senti a boca cheia de terra, o lábio quente e úmido pelo sangue que escorria. Levantei-me rápido, toquei na boca, os dentes estavam lá. Devia ter sido algo superficial nos lábios, porque já não doía mais. Cuspi a terra, limpei os joelhos, a calça jeans talvez tenha me protegido. Parecia tudo no lugar e apresentável. Segui até o colégio.

O colega da portaria quando me cumprimentou ficou assustado, perguntou o que havia acontecido. Contei para ele da queda, agradei a preocupação, mas disse que não estava com dor. Que atenderia uma mãe e que depois faria uma consulta médica. Entrei e fui direto ao banheiro, lavei o lábio, que agora já estava inchado, vi que o meu queixo estava bastante esfolado e sujo de terra.

Me dirigi até a sala e organizei o espaço para atender a mãe. Quando me sentei para revisar os últimos atendimentos do estudante, a colega do RH entrou na sala, perguntou como eu estava, se eu vi quem havia me empurrado.

Fiquei surpresa.

Disse que ninguém me empurrou, que eu havia tropeçado. Ela insistiu, perguntando se eu não vi algum aluno por perto.

Disse para ela ficar tranquila que eu realmente havia tropeçado.

Ela disse que eu não poderia atender a mãe, que eu precisaria procurar atendimento médico, ou eles chamariam a ambulância do convênio de saúde.

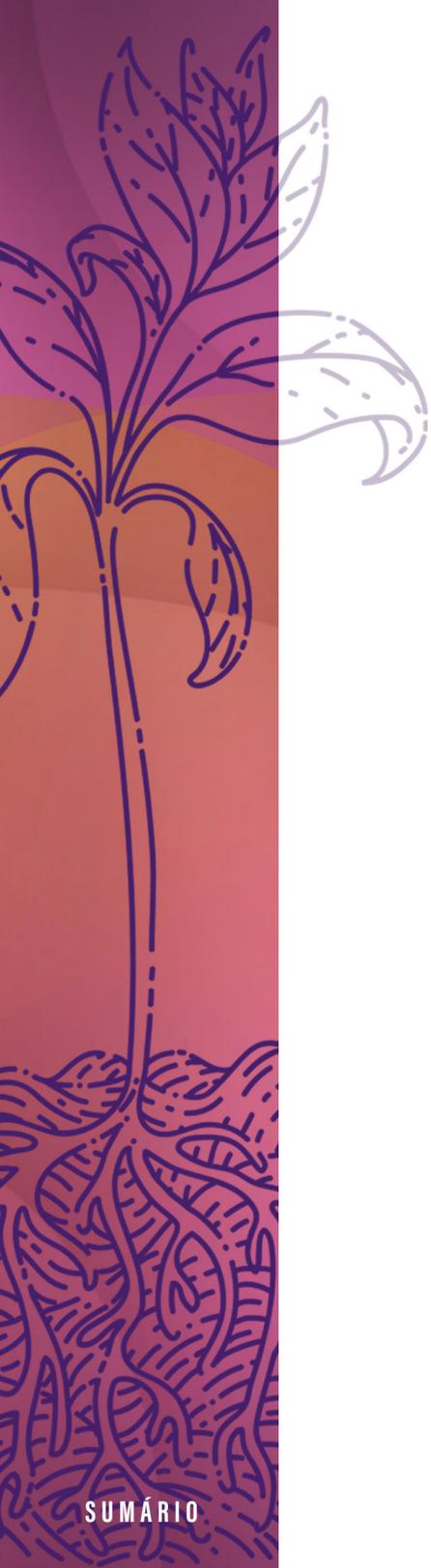
Pensei que não era uma boa opção. Sai da escola querendo ir para casa, mas encontrei Beatriz, uma amiga querida. Nós fizemos juntas o curso de pedagogia, era também professora e estava ali pois havia levado sua filha para a escola. Beatriz desviou doze quilômetros de seu trajeto e atrasou uma hora e meia a entrada na escola na qual trabalhava para me levar ao pronto-socorro, no horário mais colapsado do trânsito de Porto Alegre. As gentilezas e os cuidados próprios da amizade nos salvam.

Quando cheguei no Hospital de Pronto Socorro, ganhei uma pulseira amarela, na qual estava escrito: risco de queda, fizeram um RX da minha mão, estava quebrada. Fui para casa com tala, analgésico, atestado, dor, e “uma pulga atrás da orelha”. Por que a pergunta se um aluno teria me empurrado na rua?

Quinze dias em casa, trabalho remoto, troca de tala para gesso, nem um minuto de conforto na adaptação com um membro que precisa ficar parado. Quando voltei para a escola ainda estava com o braço imobilizado, já sem dor, só um incômodo, mas nada que impedisse o trabalho.

Helena, Ellen, Lúcia e Carla me esperavam para a reunião do segmento do 6º ano ao Ensino Médio. Percebi um clima esquisito, um cochicho, alguns olhares, um constrangimento. Pensei que era porque precisaram resolver questões do Ensino Médio, enquanto eu estive afastada. Comecei já agradecendo toda a ajuda que tinham me dado naquele período.

Perguntei o que estava acontecendo, e responderam que estavam me preservando, que não era hora para eu me incomodar. Perguntei se o que não queriam me contar, se fosse com elas, gostariam de ser preservadas? Todas responderam que não.



Contaram então que os alunos do 7ºano fizeram uma pesquisa com os alunos do Ensino Médio, utilizaram um *google forms*, com perguntas de múltipla escolha e com espaço para respostas dissertativas. Quando o aluno responsável pela abertura do questionário foi sistematizar as respostas em casa, precisou chamar o pai e reportar o que encontrou.

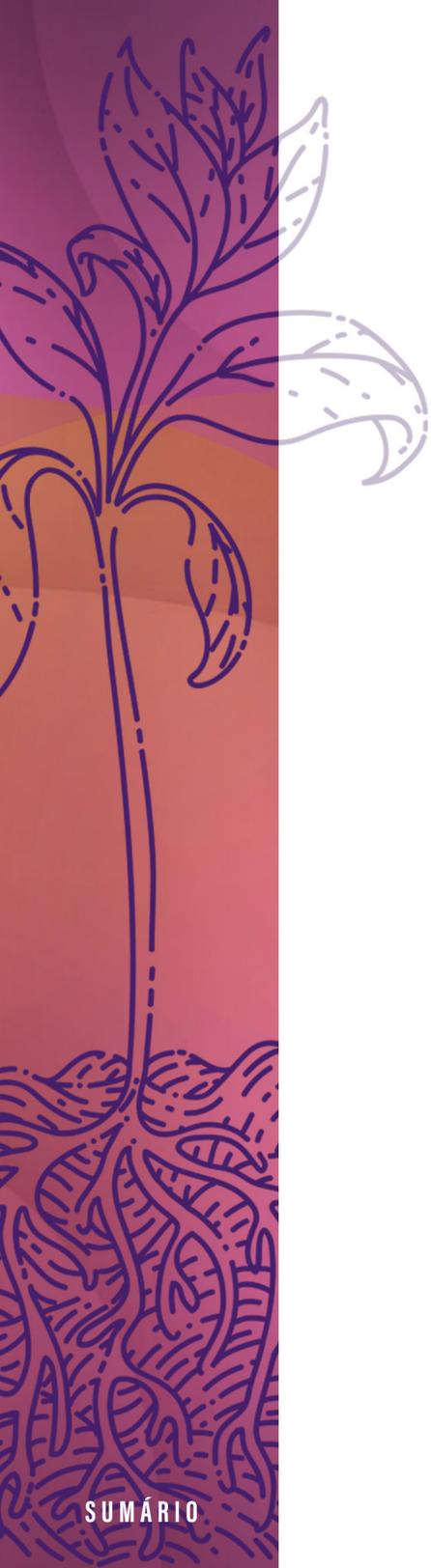
Entre as respostas dissertativas, uma era dirigida a mim, com a descrição de um estupro, com vários termos chulos, homofóbicos, etaristas. Segundo a descrição, eu merecia o estupro e depois ser queimada no meio do pátio, porque me preocupava com alunos trans, gays, negros e “especiais”. A resposta estava identificada, o que para mim poderia significar que algum colega estivesse perguntando uma peça em outro.

Pedi para ler as demais, sete delas me preocuparam. Com referências nazistas explícitas, falas sobre extermínio de minorias, sem identificação. Não eram dirigidas a mim, porém eram um material que merecia atenção, cuidado e um olhar multidisciplinar e jurídico.

Me anteciparam que o pai do estudante que fez a pesquisa, solicitou que nada daquilo fosse divulgado para preservar o filho e para garantir a liberdade de expressão dos demais alunos que confiaram que a pesquisa respeitaria o anonimato. Falaram também que isso foi acatado pelo colégio, sem nenhuma menção à gravidade do ocorrido e com anuência do jurídico. Lembrei as minhas colegas de que situações como essa precisam ao menos ser trabalhadas internamente e encaminhadas junto às famílias.

Procurei os colegas da Tecnologia Educacional para ver se conseguiam descobrir a autoria, mas somente foi possível identificar a turma.

Esse movimento fez com que as minhas colegas me lembrassem de que novamente eu estava sem “jogo de cintura”, me preocupando com o que não tinha importância. “Isso já havia



acontecido em outros anos, é coisa de guri que nem sabe o que está dizendo, que querem aparecer." "Não dá bola porque isso é besteira." As referências históricas que os sete questionários continham não me parecia terem sido escritas por alguém que não soubesse o que estava dizendo. As datas, e os locais mencionados, eram de quem tinha conhecimento sobre nazismo.

Naquele momento, precisamente, começou o medo e a insegurança física.

Depois disso, cada vez que eu descia as escadas e eles batiam os pés rápido atrás de mim, ou quando andavam com os ombros duros sem se desviar porque estavam distraídos, eu ficava sobressaltada, mesmo sabendo que estes comportamentos eram comuns entre os jovens da escola, e que antes disso, eu nunca tinha sentindo medo deles, ou de qualquer outro jovem.

No final do ano, o que faltava para contribuir no aumento do pânico aconteceu. Em um café tomado de pé, entre uma reunião e outra, o presidente do conselho escolar aproximou-se de mim e perguntou-me se eu morava perto da escola, eu respondi que sim. Então ele deu uma risada como se fosse contar uma piada. E disse que era para eu me cuidar porque ele passava por mim todos os dias de manhã e um dia poderia, sem querer, me atropelar.

Com meu coração disparando como se tivesse ouvido um alarme de perigo eu impulsivamente disse para ele ficar tranquilo, que agora que ele havia me avisado, eu seria muito cuidadosa, e que este delito ele não teria em sua ficha criminal.

A minha resposta foi imediata, instintiva, como a de um bicho que levanta a pata para evitar um ataque.

De novo a falta de "jogo de cintura", eu poderia simplesmente sorrir, devolver a "piada", daria uma leve "tapinha" no ombro dele fingendo intimidade e diria "nem brinca" ou, "vou começar a sair mais

cedo". Simplesmente não dar atenção, afinal ele era o presidente do conselho e eu era uma funcionária da escola.

Me senti ameaçada pela situação, coloquei o copo de café na mesa, procurei a psicóloga da escola que estava na sala e relatei o que havia ocorrido. E ela me disse que ele era assim mesmo, "que é coisa de homem que nem sabe o que está dizendo, que quer aparecer." "Não dá bola porque isso é besteira"

Estes três episódios contribuíram para eu começar ter medo da escola, era um sentimento inédito e estarrecedor para o corpo da professora, passei a ficar desconfiada, a duvidar dos meus sentimentos e sensações, de minhas ações, de minha experiência.

Se isso era algo com o que não era preciso me preocupar, mesmo que para mim, parecesse ser tanto, porque segundo todos os demais, era normal e "próprio" dos meninos e dos homens, então, definitivamente, eu era alguém que não conseguia lidar com a realidade misógina e violenta, eu não tinha mesmo "jogo de cintura" a minha flexibilidade era limitada por princípios que não faziam sentido para essa instituição. A complexidade da situação violenta era totalmente afastada, minimizando seu impacto e veracidade.

Isso definhava a minha confiança, exauria as minhas forças.

Lembrei-me de quantos colégios e empresas nas quais eu estive, e nas quais foi possível encontrar formas de viver e trabalhar que eram compatíveis com o que eu entendia, compreendia e vivia como professora, algo que não retirasse a vitalidade e a potência.

A stylized, light-colored line drawing of a plant with several leaves and a small flower-like structure at the top, positioned on the left side of the page. The background consists of overlapping, semi-transparent shapes in shades of purple, brown, and orange.

13

SEGUNDA-FEIRA



A ida para o colégio demorou mais que os exatos doze minutos, acho que eu me perdi em algum ponto do trajeto. A linha reta entre os dois portões, o do colégio e o do condomínio, estava envolta em uma névoa que só eu percebia. Meu corpo se deslocava em *frames*. Não era mais o que eu poderia reconhecer como meu corpo, era uma casca exíguas que não conseguia mais apreender a vida. Mas que ainda assim, vesti com uma roupa adequada, coloquei os brincos e os anéis que imitavam prata, coloquei um colar que combinava com a camisa de tricoline clássica, e os tênis *All Star* pretos.

São tantos os artifícios que temos para “maquiar” um corpo cansado e acuado, há em profusão tutoriais disponíveis para disfarçar a exaustão, aqueles que afirmam que “só parece acabada quem quer”, ensinando a ter um corpo idealizado e resistente a qualquer intempérie afetiva, climática, social, emocional, mental e laboral.

Conseguimos iludir o espelho, iludimos as pessoas, mas não o próprio corpo, ele sabe que o sobrecarregamos. Ainda assim, seguimos nos fantasiando de mulheres fortes e imbatíveis, que dão conta de tudo, que decidem, resolvem, sustentam, e mantêm as instituições nas quais vivem e trabalham.

Ainda que perdida no caminho, cheguei cedo na segunda-feira, 7h15min. Eu estava certa que seria demitida após o que houve naquela noite, era evidente para mim que eles esperavam, inclusive, que eu tivesse pedido para sair durante a reunião.

Mas não fiz o esperado. Então, eles teriam que dar o próximo passo.

Quando entrei no pátio da escola, estavam as três mães que já haviam solicitado a minha demissão, diversas vezes, sorridentes e dispostas, arrumadas para a festa. Cochicharam quando me viram, talvez tivessem dito que a ovelha branca havia chegado. O abate seria cedo. Teria plateia. Iniciou uma dor em cima da minha cabeça que irradiava no olho direito.

VIGIAR, “PROTEGER” E PUNIR

Durante os dezessete meses, em que estive ali, cada vez, que chegavam um e-mail enviado por elas, assinado pelas três solicitando que eu não estivesse em alguma reunião, ou que fosse imediatamente demitida, o conteúdo era mostrado e lido em voz alta pela direção para que eu tivesse certeza de que eu não era bem-vinda, por elas.

Elas que eram “loucas”, ricas, advogadas, conhecidas e esposas de pessoas influentes, que escondiam os seus “rabinhos” em suas saias justas. Nas apresentações do conteúdo dos e-mails que eram enviados para o colégio, era reforçado o quanto a direção estava me apoiando ao não fazer o que era solicitado pelas mães.

No início de 2024, o psicólogo institucional sugeriu que eu não participasse da primeira reunião pedagógica do terceiro ano para eu ser protegida das possíveis falas e provocações delas.

Não concordei, disse para eles ficarem tranquilos que eu não responderia às provocações, e que se no e-mail pareciam tão fortalecidas, em público talvez tivessem pouca adesão.

Eu fui na reunião, e elas não.

Só que a partir daí, todas as reuniões do segmento do Ensino Médio passaram a ser acompanhadas por algum profissional da gestão da escola, diferente dos demais segmentos da escola.

AFINANDO O BUMBO

Fui para a sala da coordenação, uma família que ia conhecer a escola estava agendada para às 8 horas. Recebi a família, apresentei a escola, as salas, o pátio, a biblioteca, a proposta pedagógica, a organização do novo Ensino Médio.

Quarenta e oito minutos depois, deixei na secretaria uma família feliz por sua escolha, e que efetuará a matrícula. Apresentei a escola com o profissionalismo de sempre, sendo atenta e acolhedora com eles que estavam chegando.

Algumas coisas são perceptíveis, ficam misturadas com o pacote de benefícios e de coisas que poderiam melhorar, mas que toda a escola tem. Outras coisas são sentidas de maneira profunda, em toda a extensão da pele de alguém, estas não são visíveis, e a pessoa segue atendendo, ensinando, sorrindo.

Me preparei para ir ao atendimento do RH com o psicólogo institucional, o horário havia sido marcado após a minha denúncia sobre a reunião de quinta-feira, no canal institucional de assédio. Às 8h57min recebi uma mensagem deles avisando que a reunião foi desmarcada e que me avisariam o novo horário. Iriam me demitir sem ouvir como tudo que ocorreu estava sendo percebido por mim.

Voltei para a sala e comecei a reorganizar um cronograma de atividades. Revisei a prova de matemática da 1ª série que havia sido enviada com atraso. Tudo precisava continuar funcionando.

Alguns alunos da turma A do 3º ano se reuniram na frente da porta da sala de aula do outro lado do corredor e começaram a afinar dois bumbos. Agora a minha dor de cabeça que irradiava no olho direito estava acompanhada de náusea.



RECREIO

Pontualmente, às dez horas, o sinal do intervalo soou. Fui para a sala das professoras. Zélia, professora que havia perdido a casa na inundação estava voltando para as suas atividades, para as suas aulas, para a sua escola. Havíamos organizado uma recepção para ela, uma colega que tocava violão e cantava lindamente, ensaiou com o grupo de professoras a música Coração de Estudante, a preferida de Zélia.

Quando ela entrou na sala com os presentes que ganhou dos alunos, e todas as professoras que ali estavam naquela segunda-feira, começaram a cantar, foi um momento emocionante. Do tipo que aflora nas professoras a lembrança de que fazem parte de um grupo diverso, algumas vezes, disperso e outras, capazes de uma união incrível.

O grupo a presenteou com um prato no qual estava gravado uma receita de uma sobremesa de sua mãe, com a letra caprichada e desenhada. A receita foi algo, entre as tantas coisas, que Zélia achou coberta de lama, e que faziam parte do universo de bens com valores subjetivos perdidos ou danificados pela enchente.

O corpo da Professora aguentou enchente, lama, perdas, mas sabe também cantar, e fazer coro com os colegas.

Algumas choraram, eu aproveitei chorei também.

FIM DO RECREIO

Esqueci por um tempo a dor de cabeça e a náusea. O sinal soou novamente, acabou o intervalo. Voltei para a sala da coordenação.

Um estudante corre para a sala, está atrasado. Quando passa pela porta da coordenação chuta a porta e grita: “tua casa vai cair.”

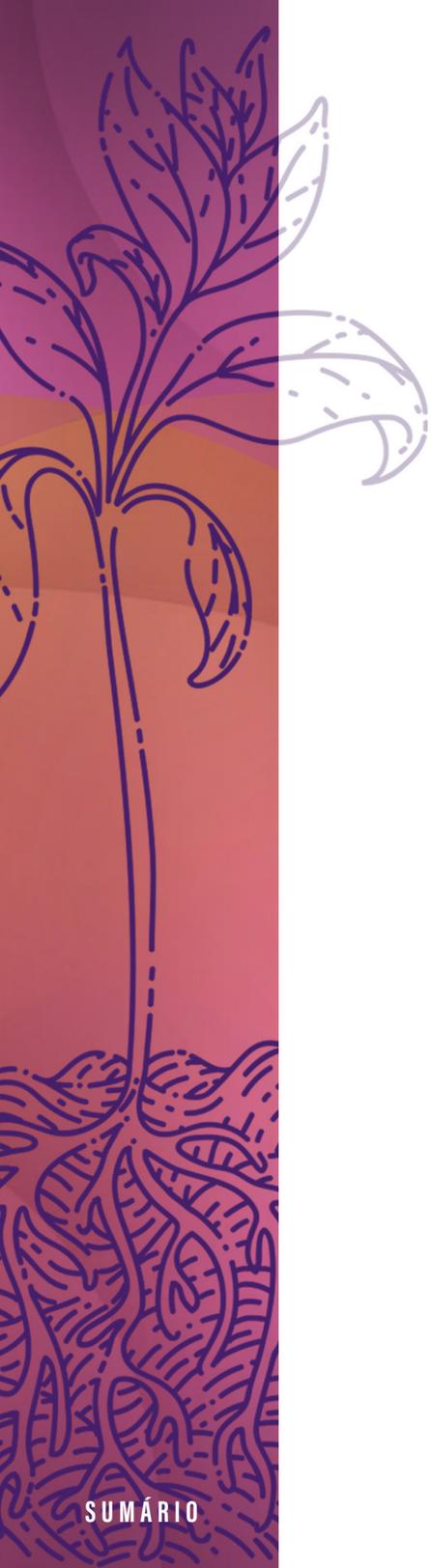
E segue correndo para a sala de aula.

Além da náusea, da dor de cabeça, agora inicia uma tontura, e o medo volta com força, a boca está seca, pressinto que não vou aguentar o que está por vir.

A stylized, light-colored line drawing of a plant with several leaves and a small flower-like structure at the top, positioned on the left side of the page. The background consists of overlapping, semi-transparent shapes in shades of purple, brown, and orange.

14

O ÚLTIMO
PERÍODO



Ellen entra na sala, não precisei dizer nada, ela me percebeu lívida e assustada. Baixou as cortinas da janela. Serviu um chá e colocou na minha frente. A garganta estava fechada, não foi possível tomar o chá, precisava reagir e fazer algo. Liguei para a direção e pedi para a diretora vir até a minha sala. No momento não seria possível, mas assim que pudesse ela iria.

Um dos alunos do grêmio estudantil entrou na sala, queria mostrar uma mensagem que recebera no grupo da turma e queria saber se era verdade. Na mensagem dizia que eu seria demitida e que a festa dos estudantes seria no meio do pátio, ao lado da direção, assim que eu saísse da sala após assinar o aviso prévio.

Disse para ele que eu ainda não havia sido comunicada oficialmente, mas que se algum colega colocou a mensagem no grupo da turma deveria ser verdade. Disse também que era para ele ficar tranquilo que com certeza a escola faria uma seleção e viria um profissional com o perfil esperado e adequado para o cargo.

Ele reforçou que aquilo era desrespeitoso comigo e que não deveria acontecer dessa forma com nenhuma pessoa da escola. Não quis demonstrar para ele a minha indignação, eu iria embora e ele esteve lá desde a educação infantil e permaneceria até o final do ano. Ele se despediu, desejou sorte e disse que eu faria falta.

Ellen e eu estávamos ainda impactadas com o que acabara de acontecer, quando começamos a ouvir gritos e batidas de bumbo no andar de cima, vinha do banheiro masculino. Era meio-dia, em breve soaria o sinal e todas as turmas até o 9º ano iriam embora e ficaria só o ensino médio na escola para o último período.

Subimos a escada para ver o que estava acontecendo, quando nos aproximamos do banheiro deu para ouvir entre cada batida do bumbo o meu nome e a frase: "É hoje que ela vai se foder, é hoje que ela vai morrer."

Uma colega da comunicação cuja sala era bem próxima do banheiro, me puxou para dentro, disse que a movimentação havia

começado há alguns minutos, que era um grupo pequeno de meninos e que ela havia tentado gravar, mas não conseguiu.

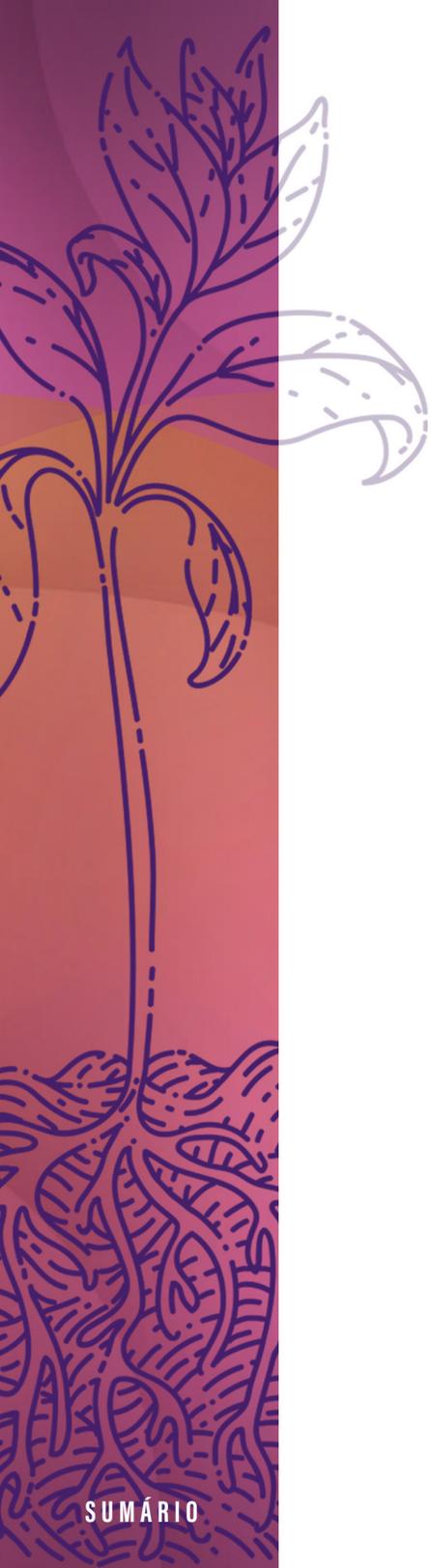
Ouvimos os seguranças chegando e retirando os meninos do banheiro, dizendo que era para eles pararem com aquela “brincadeira” que estavam atrapalhando os demais que estavam em aula. Os meninos que brincavam de me ameaçar voltaram para as suas salas. Fiquei mais um pouco no andar de cima, tentando me acalmar, a minha colega me levou até a sala da coordenação com medo de que algum dos estudantes tivesse ficado pelo caminho e pudesse fazer algo.

A porta foi entreaberta e apareceu o rosto da diretora. Eu pedi para que aquilo acabasse logo. Que estava insuportável permanecer ali. Ela pediu para eu esperar dentro da sala e que aguardasse até ser chamada na direção, que ela precisava falar comigo. Eu disse que era só assinar um papel que ela poderia trazer ali e me liberar. Ela disse que eu estava exagerando, retirou o rosto da fresta e foi embora.

Fiquei imóvel e quieta, Ellen foi chamada para atender um aluno. Fiquei só, já me perguntei, muitas vezes, porque não reagi naquele dia, ou não chamei um advogado que me ajudasse a resolver a impossibilidade de sair dali. Por que não pedi a ajuda de alguém? Entendo agora que naquele dia eu já não conseguia fazer mais nada. Sem força, exausta e exaurida, ficaria em situação de cárcere privado até que me permitissem sair.

O último período acabou, os alunos foram embora, não sem antes aquele pequeno grupo ganhar alguns adeptos e entoar mais uma vez a música do banheiro, dessa vez não houve a intervenção da segurança.

Quando o pátio esvaziou, e em seguida, começou a encher de crianças do turno da tarde o telefone tocou. Peguei as minhas coisas e fui até a Direção. Chegando lá, entrei na sala, a profissional do RH me pede para que eu sente, permaneço de pé, e a direção inicia dizendo que foi uma satisfação contar comigo, mas que... Pedi



que não terminasse, que não era necessário, que só me deixassem assinar e sair. O que havia acontecido ali, naquele dia diante dos pais e nos demais dias era algo de extrema falta de dignidade e respeito para comigo, e uma crueldade delas para lidarem com uma situação como uma demissão, tão esperada por alguns.

Saí pelos fundos, como sempre, pelo estacionamento dos professores que encurtava o caminho até o apartamento. Parecia que eu estava saindo de um pesadelo, um filme de terror, algo inexplicável, doentio e degenerado. Era tão impeciente que parecia irreal.

Quando cheguei no portão, a colega da segurança perguntou se era verdade que eu havia sido demitida, confirmei. Então contou que as nove horas toda a segurança recebeu a informação que eu seria demitida, e que era para eles ficarem atentos, caso alguns alunos agissem de modo irresponsável e que procurassem evitar que os meninos ficassem muito agitados.

Nada mais me surpreenderia.

Enviei uma mensagem para os professores e saí do grupo, enviei uma mensagem para as colegas e saí do grupo, me despedi de todos os grupos e saí. Fui andando pela rua, olhando para os lados com cuidado, com medo e um misto de confusão e alívio.

Atravessei a rua não sem antes tomar muito cuidado para não ser atropelada. O corpo da professora, que não conseguia carregar mais nada, precisava se manter atento e vigilante para chegar vivo em casa.

Eu sobrevivi a estas “pequenas violências”, a estas “brincadeiras de meninos”, se eu não sucumbir e conseguir sobreviver à náusea, dor de cabeça e tontura, eu contarei essa história.

Mesmo que não consiga entender algumas partes é uma história que precisa ser contada, escrita em silêncio e lida em voz alta.

Talvez, assim eu consiga juntar alguns pedaços de mim.



15

CASA

Em casa
Não precisei falar
Recebi abraço
De alívio e cuidado
Telefonemas dos filhos
Que queriam
Justiça
Advogados
Delegacia
Eu queria
Chá
Colo
Banho
Sono
Não acordar

A stylized, light-colored line drawing of a plant with several leaves and a small flower-like structure at the top, positioned on the left side of the page. The background consists of overlapping, semi-transparent shapes in shades of purple, brown, and orange, creating a layered, abstract effect.

16

SOBREVIVI

Precisei do afeto incondicional da família, para lidar com a pessoa que desconheciam, apática, triste, desconfiada. Eu seguia fazendo as coisas necessárias para o cuidado com os filhos e netas, como se fosse um papel que me fora designado, e que eu precisava desempenhar com zelo.

Mas, a exaustão muitas vezes venceu e não permitiu que eu ficasse totalmente presente, junto com eles. É doloroso se reaproximar de um corpo que foi esvaziado de potência.

Talvez fosse isso que restasse depois de me sentir por tanto tempo frustrada, ansiosa, impotente, invalidada, em relação ao meu trabalho por dezessete meses.

Complementando um diagnóstico que iniciava com depressão, e seguia com o CID-11 QD85 e Transtorno de Estresse Pós-traumático, eu era, também uma pessoa que se desintegrou. E que precisou de cada minuto com a psicóloga que a atendia desde 2023, e com o psiquiatra que começou a me acompanhar depois de junho de 2024.

Demorei muito tempo para reabitar o meu corpo de professora. Precisei para isso ouvir as dezenas de mensagens que recebi das professoras, das colegas e especialmente das mães e dos alunos, aqueles que faziam parte das minorias que poderiam ser exterminadas nas “brincadeiras de meninos” alunos do ensino médio.

Houve também as mensagens de muitas ex-alunas, de anos atrás, que sem nem imaginar o que estava acontecendo, me mandaram notícias de suas graduações e mestrados.

Retomei as atividades acadêmicas, esse foi o meu primeiro passo saudável, voltar a estudar. Após cinco anos em que havia encerrado o doutorado, e ter vivido três lutos consecutivos de mulheres, professoras, as quais fizeram parte de minha vida de aluna na universidade e fora dela.

Mulheres que me ensinaram a pesquisar, a fazer extensão, com as quais aprendi sobre o funcionamento do ensino superior,

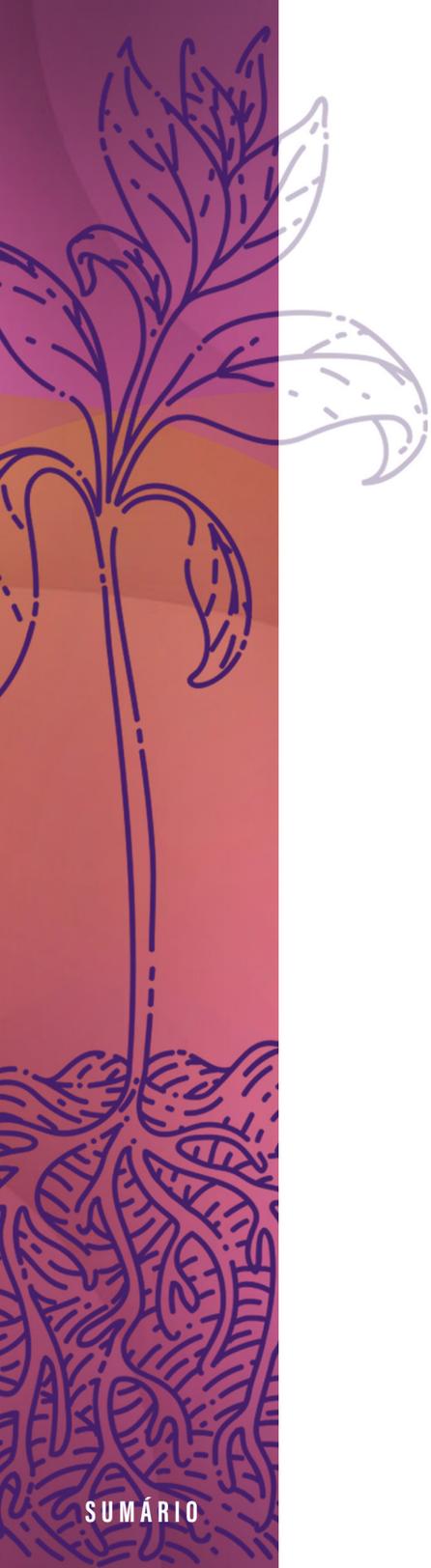
sobre a aprendizagem e criação, da forma mais amorosa e, algumas vezes, pavorosa possível.

Iniciei finalmente o meu pós-doc com uma supervisora que conhecia a minha história na pós-graduação e que fazia parte dela, especialmente no doutorado. Uma professora sensível, uma “escutadeira”, rigorosa com suas ferramentas conceituais, uma professora que acreditava no trabalho coletivo de um grupo de pesquisa.

Era em uma universidade do interior, em uma das regiões mais devastadas pelas enchentes de maio. No trajeto até lá, pela janela do ônibus era possível ver os vilarejos que foram também desintegrados e suas escolas fantasmas. Aquele trajeto me fez pensar repetidamente, o que havia sobrado ali, o que não havia sido arrastado pela fúria da água.

Os duzentos e poucos quilômetros do percurso até a universidade, no sacolejo da estrada me faziam lembrar também de atendimentos que tive com pais e mães dos alunos da escola. Às vezes, quando estes atendimentos terminavam, eu estava surpresa, outras chocada, com as reações e falas cheias de certezas que eram trazidas sobre a liberdade de expressão que os filhos deveriam ter sem nenhuma responsabilidade, nem mesmo com a própria aprendizagem. Falas que consideravam policialescas quaisquer iniciativas de organização ou regramento, falas que não consideravam a complexidade da juventude de seus filhos e a junção de inúmeras condições que os expunha à violência.

Quando foi que trocamos a confiança nas habilidades sociais e humanas dos filhos e das pessoas com as quais eles conviveriam pela necessidade de segurança, pelo falso controle, pela falsa liberdade que lhes é reservada? Terá sido quando eles estavam “seguros” encerrados em seus quartos acessando o mundo digital através de caminhos que jamais imaginamos? Ou quando começamos a criá-los como se eles fossem nós próprios, em uma segunda chance de criação? Ou quando consideramos que a escola daria conta sozinha de nossa parte enquanto responsáveis por eles? E quando esta não



consegua sozinha nós a culpávamos pelo fracasso que era também nosso. Os filhos/alunos ficavam entre duas instituições que passaram a se odiar entre um e outro conflito, porque uma queria a garantia de nenhuma “repressão” e a outra precisava de regras, das duas eles não podiam fugir, pelo menos até os 18 anos, só quando em fuga ficavam imersos em seus mundos na *web*.

Era tudo muito devastador, a estrada, os atendimentos das famílias, o que sobrou, a terra arrasada, e o medo do que poderia acontecer se continuássemos a não ver os sinais, da natureza, da juventude, da escola, das famílias, do mundo.

Voltei a trabalhar com a formação de professores em cursos de Inclusão Escolar. Nos cursos ouvia histórias de professoras de redes públicas e privadas, e lia os textos escritos por elas, nos quais contavam suas experiências em salas de recursos e salas de aula. Noventa e nove por cento das alunas dos cursos de educação inclusiva, são mulheres. Este é mais um universo estritamente feminino das escolas, lidar com a diferença é tarefa de mulher.

Tive mais do que nunca a certeza das boas amizades que tenho na vida, não por acaso, todas são professoras. Que escutam, que tem fogo nos olhos, que colocam a mão na massa e o pé na estrada comigo. E que às vezes só ficam em silêncio, tão precioso, contemplando o horizonte em uma cidadezinha do interior.

Não consigo imaginar, como seria passar por tudo isso sem o auxílio de uma rede amorosa gigante, que cuida e que acolhe. Estava ciente do privilégio que eu tinha em poder contar com todas as pessoas e ter os recursos disponíveis para pagar a terapia.

Ao passar por situações como essas, nunca voltamos a ser como éramos antes, o que pode ser bom, porque o que eu era antes, contribuiu para o que aconteceu.

A stylized, light-colored line drawing of a plant with several leaves and a central stem, positioned on the left side of the page. The background consists of overlapping, semi-transparent shapes in shades of purple, brown, and orange.

17

**CONSELHO
DE CLASSE**

Lembro-me das vezes que fiquei calada nos primeiros conselhos de classe que participei quando era uma jovem professora, quando a criança ou jovem era avaliado pela condição familiar.

Lembro-me de quando ouvia na década de 1980 que a mãe era desquitada ou solteira, que o pai bebia e batia, que a família era desorganizada, depois passou para disfuncional, a mãe passou a ser separada, depois a ser mãe solo, a criança deixou de ser mal-educada e passou a ser agitada, a ter “surto” ou se desorganizar, e depois passou a ser diagnosticada e medicada.

E apesar de ver a criança ser avaliada pela conjuntura familiar, e não por suas condições e possibilidades de aprendizagem, ou sem saber o que havíamos feito para que ela obtivesse melhores resultados, deixei inúmeras vezes isso acontecer sem manifestar o meu grande incômodo com a situação.

Em muitas escolas o momento do conselho de classe era um julgamento moral dos modos de organização familiar, que tinha como referência uma família irreal, se a criança não conseguia aprender era porque a família era uma espécie de desajuste social, e não porque não esgotamos as nossas possibilidades de ensinar.

Do outro lado, as famílias também começaram a nos nomear de muitos outros nomes, e no passado recente fomos hostilizados também pelas autoridades e governos chamados por termos pejorativos, fomos filmados em sala de aula, expostos como se ensinar fosse um crime.

Cada vez que nos calamos perante algo ou alguém que abuse, que desrespeite, estamos colaborando para esse adoecimento do corpo da professora, da escola, e do mundo.

Quando um professor é demitido porque há inúmeras atas feitas com as estudantes denunciando assédio, e não há um registro civil do nome dele responsabilizando-o pelo que ele fez, estamos

colaborando para silenciar as alunas e deixar incólume o professor “que se passou”.

Cada vez que sai da escola o aluno que sofreu o Bullying, ou o aluno bolsista que sofreu sistemáticos ataques intimidadores, ou sai um aluno que fez os ataques, quando estes são feitos em grupo, e somente um sai para mostrar que houve uma intervenção, e não conversamos sobre isso, não nos afetamos por isso, estamos sendo omissos. A saída do agredido é silenciosa, a saída do agressor é acompanhada de ruídos. A saída de nenhum deles resolve algo, exclui apenas momentaneamente as pessoas, mas a situação se repetirá, insistentemente.

Cada vez que normalizamos a violência contra uma professora, e até encontramos argumentos para justificar os motivos pelos quais a colega foi agredida, estamos contribuindo para que a escola deixe de ser um espaço seguro e democrático de aprendizagem.

Aos poucos, vamos mudando o nome pelos quais chamamos as coisas, mudamos os métodos, o material, as arquiteturas, as pautas que são representativas dos valores da escola, podemos conhecer novos vocabulários, estudar outros pensadores, mas se permanecermos omissos, não lidando de frente com o racismo, com a homofobia, com o etarismo, com o capacitismo, a misoginia, a transfobia, o nazismo, seguiremos repetindo modos de ser que vêm fantasiados como novidade.

Assim os direitos humanos perdem para uma pretensa “liberdade” de expressão do ódio, e desse modo seguimos reproduzindo, naturalizando e fortalecendo a violência dentro da escola.

Quando perdemos tempo precioso dos professores, em formações para uso de novas tecnologias e métodos sem conseguir dar cabo do que ainda precisamos fazer com os métodos e tecnologias que foram lançadas há seis meses, e seguimos com problemas básicos nas relações que se estabelecem nas escolas há anos

sem solução, ou discussão, somos coniventes com a economia da educação tomadas por pessoas que não são da escola.

Somos omissos quando reforçamos que os estudantes de escolas privadas têm direitos ampliados em relação aos estudantes da rede pública, que um pode cometer “pequenos excessos” porque é coisa de meninos, e o outro se fizer o mesmo, cometerá um delito e será um menor infrator, que faz querer os cidadãos de bem reve-rem a maioria penal.

E quando os filhos exercitam o poder adquiridos pelos pais de intimidar ou ameaçar de demissão as professoras do ensino privado e é permitido que isso aconteça, vamos criando a fantasia ou a certeza de que a omissão dos adultos cria um universo no qual os jovens brancos, de escolas privadas nunca serão responsabilizados e que sempre serão temidos.

Assim ajudamos a criar humanos diferenciados que pensam que são superiores, melhores, perfeitos, mais dignos que os demais. Reforçamos os conselhos de classe, há um conselho formado por uma classe superior com voz e vez, e outro formado por uma classe inferior que, preferivelmente, não deve se pronunciar. Vamos des- cabendo aos poucos de nossa própria possibilidade humana de existir, pois não haverá mais pequenos furos pelos quais possamos passar para criar, festejar, ensinar ou aprender, no tecido grosso e irrespirável da violência.

Não me iludo, sei que as professoras com jogo de cintura, que não se aborrecem ou perdem tempo com bobagens, também adoecem, também tem dores, mas talvez não enlouqueçam, porque não experimentaram, não conheceram a saúde em seus modos de ser.

A flexibilidade também tem um custo e um adoecimento, mas com nomes mais aceitos pela comunidade escolar, como câncer, problemas de coluna, enxaqueca, doença vascular.

O homem que gritou aquela noite, fez com que eu desabitasse de vez um corpo de professora que estava cansado, exausto de ver situações com as quais não concordava e que se multiplicavam na minha frente e para as quais podia contar com poucas pessoas para tentar resolver.

E que quando buscou apoio entendeu que aquilo não era para ser trabalhado, problematizado, resolvido ou combatido. Que o que fazemos é jogar a cintura de um lado para outro, tentando caber em uma saia justa.

Saber o que é meu nessa maquinaria é imprescindível para que eu saiba o que me cabe nessa história. Entender que o silêncio que nos salva momentaneamente, é o mesmo silêncio que nos condena e nos torna vulneráveis.

O silêncio é uma pequena morte permitida.

PORTAS ABERTAS

Era 2018, o mês era outubro, e o dia 13, enquanto escrevia o fim da minha tese, os professores da escola na qual eu trabalhava mandavam e-mails durante todo o feriado de Nossa Senhora Aparecida. Eles estavam tentando articular a nova forma de sobrevivência na escola privada de cidade do interior, queriam saber o que fazer para não serem denunciados ao Ministério Público quando falavam sobre Direitos Humanos, sobre homofobia ou racismo.

O que deveriam fazer quando eram apontados como partidários e comunistas pelos pais nas redes sociais, ou quando

transitavam temerosos na pequena cidade que moravam e trabalhavam há tantos anos, ou como agiriam se a aula estivesse sendo gravada pelos seus alunos.

A aula começava a perder seus professores e ganhava pessoas interessadas em sobreviver. Os professores sabiam que seria necessário sobreviver, manterem-se empregados, manterem-se circulando na pequena comunidade para resistir ao que estava por vir.

Os professores seguiam postando fotos de passeios, de idas para a praia, apareciam sorrindo com as famílias ao redor de mesas fartas, faziam parecer que tudo estava normal. Tentando assimilar rapidamente o que seria intragável.

Temiam entrar na aula. A aula, como eles a conheciam não existia mais e poderia estar se tornado o cenário e a arena das primeiras batalhas que os jovens travariam usando os discursos de ódio que vigoravam, e na qual se sentiam expostos em pele e língua, simplesmente por serem professores.

Os estudantes começaram a frequentar a aula com camisetas nas quais estavam estampadas imagens de armas e políticos. E no dia do resultado da eleição houve uma carreato e uma motociata ao redor da praça central, e nas caçambas das camionetes com tração nas quatro rodas, muitos dos nossos jovens alunos estavam com bandeiras, empunhando motosserras e espingardas de chumbinho.

Foram anos difíceis, recebíamos e-mails dizendo, entre outras coisas, que como éramos uma escola confessional deveríamos ensinar ciências baseados na Bíblia. Silenciamos. E isso não acabou.

Veio a pandemia de Covid-19 nos recolhemos, ficamos atrás das telas, mas entrávamos nas casas deles todos os dias, algumas aulas os pais assistiam junto com os filhos. Os jovens já não saiam mais de seus habitats naturais, ficavam à mercê dos discursos midiáticos e familiares que colocavam a escola em um lugar menor.

Dentro de casa não conseguiam superar paradigmas, discutir outros pontos de vista, nem ter outras pessoas adultas como referências. O espaço físico da escola deixou de existir como um espaço de suspensão de um tempo que deveria ser definidor da aprendizagem e da criação, das experiências sociais que deveriam constituir a vida dos jovens e das crianças.

A escola foi domesticada, passou a ser dominada pelas intervenções familiares, deixou de ser um espaço com um suspiro de vida própria e independência que ainda restavam.

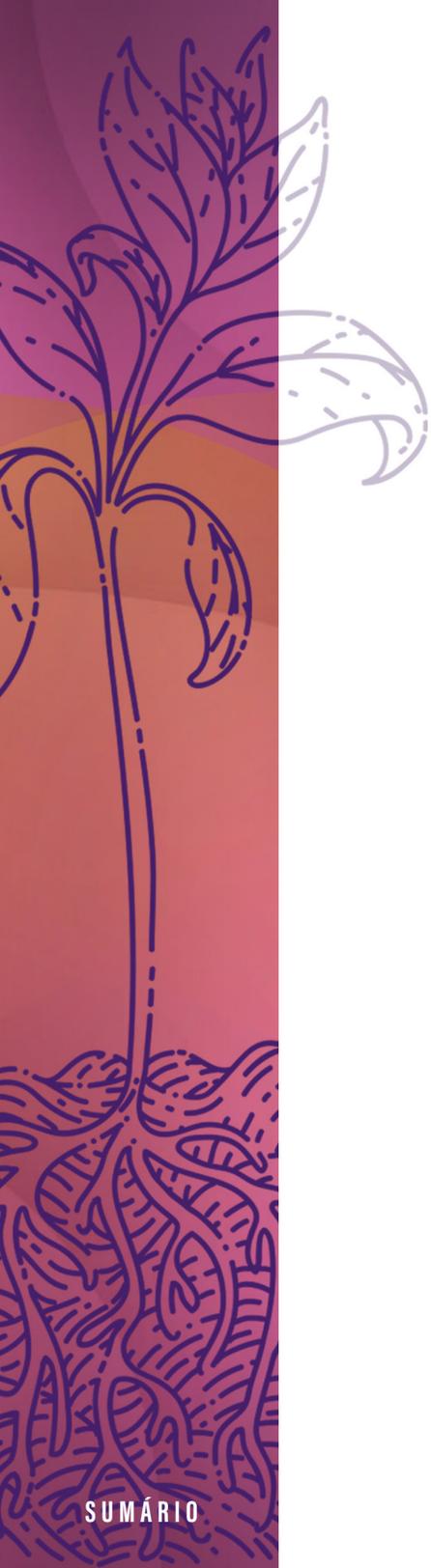
Quando a pandemia acabou, voltamos para a escola com a tarefa de implantar o novo ensino médio em 2022. Não tivemos tempo de resgatar o que éramos e precisamos nos tornar algo novo, com outro funcionamento e organização.

Não tivemos tempo de colocar o pé no chão e precisamos embarcar em outra proposta, que havia sido estudada, que já havia sido planejada, mas que não havia sido considerado em sua gênese em uma pandemia, um recolhimento e um afastamento do ambiente escolar. Silenciamos de novo e por ingenuidade e incredulidade, achamos que o pior já havia passado e deixamos a porta aberta, para entrar na escola outras coisas que precisaríamos normalizar, acatar e fazer acontecer.

A stylized, light-colored line drawing of a plant with several leaves and a seed pod, positioned on the left side of the page. The background consists of overlapping, semi-transparent shapes in shades of purple, brown, and orange.

18

**FEIJÃO NO
ALGODÃO**



Em 1980, fiz o meu estágio final do curso de magistério. O estágio compreendia um período de observação e registro e um período mais prolongado de prática de ensino. O estágio era obrigatório e tinha uma professora que vinha uma vez a cada quinze dias para observar a nossa aula e para avaliar a nossa prática. Toda a semana tínhamos encontros no colégio com as colegas e professoras do curso, para discutir as nossas observações e práticas.

Eu achava que os dois anos que cursei o magistério e todas as experiências sociais, artísticas, de leitura e de aprendizagem que eu tive durante o curso no colégio particular haviam me transformado em uma professora completa, incrível, com todos os requisitos para fazer um ótimo trabalho. Com a minha perspicácia assumida e minha arrogância escondida, salvaria as crianças das concepções ultrapassadas de infância e alfabetização

Lembro-me dos primeiros dias de observação, eu, com a minha sandália aranha da Melissa, meu macacão jeans com ombreira, uma prancheta de madeira e minha caneta Bic. Anotando tudo que eu observava na turma da 1ª série, uma classe de alfabetização. A professora Rosa era uma mulher de cabelos pretos como a sua pele, e com a raiz branca precisando de retoque, um vestido florido e uma jaqueta marrom, devia ter uns 50 anos. Era alfabetizadora há mais de 18 anos, uma leitora ávida, trazia sempre livros da biblioteca para ela e para as crianças.

Minha primeira semana foi cheia de críticas, critiquei a cartilha Caminho Suave, que tinha desenhos muito distantes das crianças da turma, critiquei o modo ultrapassado como Rosa organizava a sala, o tempo extenso que as crianças dedicavam para as atividades.

Fui impiedosa e prepotente. Rosa havia garantido um lugar para eu fazer o estágio na sala dela, com os alunos dela, e eu fui entrando como se fosse alguém que soubesse toda a novidade pedagógica do mundo e que resgataria as crianças das práticas antiquadas dela.



No primeiro encontro quinzenal com as colegas e as professoras do colégio onde frequentávamos o curso de magistério, começamos pelas leituras de nossas observações, foi perceptível o quanto todas nós fizemos uma abordagem crítica, minuciosa e que, ao mesmo tempo, nos colocava em um lugar superior e mais importante em relação às professoras observadas.

As professoras supervisoras do estágio nos ouviram com paciência e cuidado, e no final nos lembraram de que a observação era uma parte de nossa aprendizagem, que visava contribuir com a nossa prática e com a prática da professora observada, que o estágio seria uma experiência de construção de uma dupla formada por uma professora mais experiente e outra que estava iniciando.

Que não iríamos tirar ninguém da regência da turma, mas que iríamos compor e compartilhar com elas a docência. Um balde de água fria nas meninas que queriam “arrebentar a boca do balão”, na primeira entrada como professoras em uma sala de aula. Foi importante ouvirmos aquilo, foi quando entendi que para ser professora era preciso ter um corpo que aprende, e não um corpo que pretensamente sabe tudo.

Rosa, alheia às vaidades da professora em formação, seguia em seu caminho suave de alfabetização. As crianças já tinham se acostumado com a presença das duas, e me procuravam quando ela estava ocupada com algum colega.

Uma tarde no horário da aula de educação física, conseguimos planejar juntas a próxima semana, ela estava interessada em minhas observações sobre as crianças, como percebia a prontidão delas para a leitura e escrita, e se eu tinha alguma sugestão para a organização da sala. Por fim, ela disse que iniciaria a atividade do feijão no algodão.

Perguntei o motivo da repetição dessa experiência que muito, provavelmente, as crianças teriam vivenciado na educação

infantil. Ela respondeu que além de aprender sobre germinação, eles aprenderiam sobre cuidado também. Perguntei se não poderíamos usar uma boneca de pano feita por eles.

E ela respondeu: “uma boneca se não for cuidada, ela não morre, e é preciso aprender que os seres vivos precisam ser cuidados para viverem.

Disse que poderíamos comprar um hamster ou uma tartaruga para eles levarem para casa e cuidarem, um aluno por semana teria a experiência de cuidar do animal, da gaiola e da alimentação. Ela rebateu que não comprava nada com o dinheiro dela, que era contado e utilizado cada centavo para a sua família. E qual seria o sentido de cuidar de um animal criado em cativeiro para ser comprado?

Já começaria errado, o conceito de cuidar passaria pela aquisição de um animal que ficaria em uma gaiola para que pudéssemos cuidar dele, passaria pelo consumo, pela compra de uma vida.

E quando a atividade terminasse quem seria a pessoa responsável por esta vida?

E o feijão precisava de cuidados para crescer, as crianças preparariam a maciez do algodão que receberia o grão duro de feijão. Elas observariam como a dureza do feijão encontraria espaço para se desenvolver quando se aninhava na maciez do algodão. As crianças seriam responsáveis pela rega, por observar qual o melhor lugar que a sala oferecia para receber o sol, precisariam cuidar do broto de feijão do colega quando esse faltasse à aula.

Para o feijão crescer, o grão exigiria cuidado, atenção, organização e comprometimento. E que, muito provavelmente, as crianças precisariam lidar com a morte do feijão, ou com a possibilidade de que o feijão poderia não crescer. Sentiriam frustração. E aprenderiam uma lição sobre responsabilidade e cuidado.

Para a professora Rosa aquela era uma atividade que não se restringia à Educação Infantil, poderia ser vivida em diferentes momentos da vida das crianças, que elas sempre aprenderiam algum aspecto novo sobre o cuidado.

Segundo ela, se nós mulheres, pudéssemos ensinar a cada ano, para alguns alunos um pouco sobre cuidado, junto com as outros conteúdos de cada série cursada, teríamos cumprido grande e boa parte de nossa função como professoras.

As crianças voltaram suadas da educação física, gritando e felizes. Chegaram nos abraçando, perguntando o que estávamos fazendo, um mostrava o joelho ralado, a outra um rasgão que deu na meia $\frac{3}{4}$. Um outro contava sobre a “voadeira” que conseguiu dar.

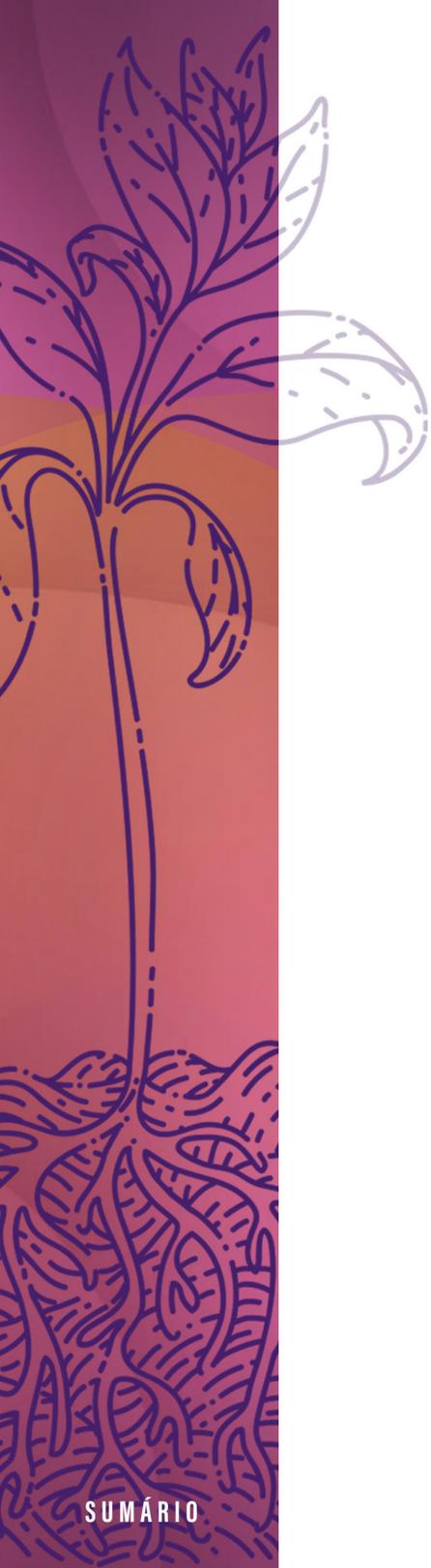
Tudo junto e misturado, corpos alegres, corpos que aprendiam.

Olhei para Rosa com admiração e respeito.

Éramos duas mulheres, uma mais experiente e a outra iniciante, éramos duas professoras aprendendo a ensinar.

Muitas vezes, me perguntaram por que na hora da rescisão no sindicato, silencieei sobre o fato da demissão acontecer sem o atendimento prévio do RH sobre a denúncia de assédio moral que eu fiz após a reunião, ou por que eu não acionei a escola. Penso muitas vezes em entrar na justiça contra a escola, mas sabendo como as coisas são resolvidas presumi que sentir no bolso não seria uma dor, e não serviria para eles fazerem algum tipo de reflexão. E eu em meio a um tratamento de *Burnout*, síndrome de stress pós-traumático e depressão precisaria enfrentar um processo e tudo que isso aciona.

Não quero dor ou dano, quero poder trabalhar, viver, e seguir aprendendo, quero não ter medo das famílias, dos alunos, quero



viver uma docência na qual a alegria e a aprendizagem façam parte. Quero que as coisas do mundo nos afetem, que sejamos sensíveis, que possamos ser mulheres, professoras, jovens ou velhas nas universidades e escolas sem medo de nos expor, sem medo de querer aprender, sem medo de ser o que somos. Quando a violência chega na professora, ela já está passando por toda a instituição, passando por todos os modos de lidar com as alunas, funcionárias, gestoras e mães. A violência nos imobiliza, retira de nós a potência, faz com que duvidemos umas das outras e nos mantenha em lados opostos. De alguma forma, contribuimos com ela nos silenciando, omitindo as nossas vozes. Eu não sei qual o valor em dinheiro que eu receberia ao mover uma ação. Mas sei o quanto perdi de mim em força e vida por ter silenciado tantas vezes.

O que eu sei fazer é estudar, ensinar, aprender, cozinhar, ler, criar filhos, cuidar de netas, tricotar, viajar e tentar, principalmente, a escrever. É pela escrita que processo, protesto, registro, crio e produzo as possibilidades de existir enquanto mulher e professora. Então escrevi sobre o que não falei, sobre o que silenciou em mim. Escrevi sobre aquilo que se no silêncio permanecesse, poderia me matar. Escrevi com as professoras que me fizeram professora, que me lembraram do quanto é importante se manter aluna para poder seguir aprendendo.

Os gritos do homem naquela noite de junho de 2024, dentro de uma escola particular, que deveria ser um espaço seguro para as mulheres que ali estavam, agora estão mais distantes, a multiplicação de sua voz na boca dos outros homens que ali estavam, e que agora parecem bocas de bonecos de ventríloquos em um coro de filhos de Gepetto, está quase inaudível, as mulheres que tomaram a palavra após a sua saída da sala seguem suas vidas falando - quando distantes de seus agressores, os jovens do Ensino Médio estão na universidade e em breve serão profissionais, as minorias que poderiam ser "dizimadas" seguem sendo minorias que cada vez mais necessitam de cuidado e atenção para permanecerem vivas,

e as professoras ainda adoecem, desistem, são desligadas, mas aos poucos se reaglutinam, formando outros coletivos de formação de novas professoras.

Rosa, Eni, Edilane, Beatriz, Ellen, Eleonora, foram as tantas mulheres professoras que me trouxeram até aqui, as que não me deixaram sucumbir, cada uma em seu tempo e espaço, que me ajudaram a produzir a professora que sou.

Talvez, esse coletivo que vamos formando e participando ao longo da vida, esse corpo que atende pelo nome de professora, que é corajoso, forte e alegre possa ser uma forma de resistir ao que tenta nos fazer desistir de viver, de ensinar e aprender. O afeto é também uma voz da professora, um sussurro de um coletivo, um grito na escola, ouça!

SOBRE A AUTORA

Sou Tereza, com Z. Nome que recebi de um padre que recusou o nome pagão que foi escolhido por minha mãe.

Essa história pessoal de interdição do nome de uma mulher desde a pia batismal, me fez ser chamada de Tereza, em homenagem à Santa Tereza de Jesus. A santa é considerada a protetora dos docentes. Ela era uma mulher que queria ter o pensamento livre durante a Inquisição, época em que as mulheres não tinham voz, e era proibido a elas a leitura e sequer pensar em escrever.

Não por princípios cristãos, mas porque a espinha dorsal do livro é a voz da professora, considerei que ter o nome dessa mulher, e não da santa, me trouxe uma espécie de sorte, de força, um axé, como se o nome fosse meu pequeno muiraquitã.

Fui sempre uma experimentadora de textos e linguagens textuais, sobre vivências, sobre docência, sobre mulheres. Minhas escritas eram guardadas em gavetas e em nuvens e esperavam para caber nas páginas dos livros.

Hoje, os anos e a experiência, me concederam o tempo para abrir as gavetas e retirar os papéis impressos já amarelados, e baixar das nuvens os textos aéreos e soltos, agora eles ganham fôlego e começam a caber nos livros.

A professora e a mulher, as duas que me habitam e escrevem são atentas aos movimentos ora discretos, ora assustadoramente aterradores das coisas que querem tirar a alegria dos corpos.

Este livro pode ser biográfico, e É.

Pode ser ficcional, e É.

Pode ser uma denúncia do fascismo que vai se entranhando na sociedade, especialmente na escola, e É.

VOLUME 1
FRAGMENTOS
DA DOCÊNCIA

WWW.PIMENTACULTURAL.COM

O QUE A ESCOLA NÃO QUER CONTAR

VIOLÊNCIAS
E AFETOS DE
UM PERCURSO
DOCENTE

